



Universiteit
Leiden
The Netherlands

Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo

Rompay-Bartels, I.M.M. van

Citation

Rompay-Bartels, I. M. M. van. (2015, February 26). *Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo*. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Version: Corrected Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/32077>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

Cover Page



Universiteit Leiden



The handle <http://hdl.handle.net/1887/32077> holds various files of this Leiden University dissertation.

Author: Van Rompay-Bartels, Ingrid Monique Maria

Title: Migração de Retorno, Identidade e Transnacionalismo: Famílias nipo-brasileiras e as experiências de vida entre o Brasil e o Japão

Issue Date: 2015-02-26

Capítulo 3

A migração de “retorno” e o encontro étnico: estudos de casos

Neste capítulo aborda-se a temática da migração de “retorno”, identidade e transnacionalismo através das vozes da primeira geração de imigrantes, a fim de se entender e conhecer de forma mais aprofundada as motivações e os imigrantes nesse debate. Através das análises e tópicos, que fazem parte do encontro étnico na vida cotidiana das famílias de imigrantes, descreve-se o questionamento em torno da construção da identidade na migração de “retorno”. É também através do contraponto da percepção japonesa sobre a identidade dos migrantes no “retorno”.

Analisa-se ao mesmo tempo a estrutura em torno desses imigrantes, através dos relatos das suas experiências. Quais são as necessidades, as possibilidades e os dilemas dos imigrantes, influenciando-os, muitas vezes, a repensarem sobre o transcorrer dessa migração. Por último insere-se aspectos da crise econômica mundial em 2008, que influenciou o quadro geral em torno da migração de “retorno”.

3.1 Definindo a motivação

Quais são as motivações intrínsecas das pessoas envolvidas no dinamismo desses fluxos migratórios? Qual é a explicação plausível para esse movimento de “retorno”? Nota-se que mesmo os conterrâneos que estão no Japão a serviço da comunidade “brasileira” possuem uma definição da motivação por trás do “retorno”. Assim:

Betão:

O nipo-brasileiro sai do seu habitat natural para um lugar que ele não conhece. O filho bom que retorna para casa. Se houvesse possibilidade eles ficariam lá, mas não têm, daí eles vêm para o Japão para ser estrangeiros. Eles vêm com a esperança de uma vida melhor, nesse caso eles são privilegiados, pois eles podem tentar aqui. O *dekasegi* vem pra cá à procura do que ele não tem na sua terra natal: emprego, salário, dinheiro extra...

Na opinião de Betão, mesmo que esse fenômeno tenha como peculiaridade os vínculos com a identidade japonesa, esse fato não se nota na prática, quando eles “retornam” para o Japão. Apenas “privilegia” esses descendentes de japoneses que podem trabalhar no Japão e tentar a vida nesse país, onde eles vêm para preencher especificamente os trabalhos pesados, perigosos e sujos, conhecidos pelos 3 *k*'s em japonês, que os próprios japoneses evitam de fazer.

Sob a ótica desses migrantes observa-se que eles baseiam-se na ponderação dos custos/benefícios (Massey, 1990: 3-26) da renda suposta que equivale realizar esses tipos serviços no Japão. Tal decisão dá a impressão de que os nipo-brasileiros ressaltam os vínculos com a descendência japonesa, apenas, exclusivamente, por terem objetivos de ordem econômico-financeira. Se, por um lado, esse tipo de motivação é evidente e clara, então por que é que essa migração causa, por outro lado, problemas psicológicos de crise de identidade entre tantos descendentes de japoneses? É o que se nota na literatura em torno desses imigrantes (Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c, 2009).

Quando os imigrantes descrevem a situação em torno da decisão de migrar ou não, nota-se a interação de outros fatores, simultâneos, interagindo na formação desse movimento. Ao se comparar as histórias dos migrantes nos fragmentos abaixo, torna-se visível que as motivações por trás desse movimento são variadas, apesar de terem um objetivo econômico-financeiro. Um exemplo é o caso seguinte.

Sra. Ema:⁴⁸

Eu vim para o Japão faz 12 anos, eu cheguei aqui em 1991... Eu vim com o meu pai, após a separação... no Brasil estava difícil, naquela época de crise, que o dinheiro mal dava para pagar as contas já mesmo do início do mês...a calculadora ali, sempre na mão pra ver se dava pra pagar mesmo a conta no supermercado, porque tudo subia, sem falar nas outras coisas, estava difícil, daí quando eles se separaram e o meu pai disse que vinha, eu decidi vir com ele... eu não estava bem na época nos estudos, porque eu não tinha vontade mais de estudar... eu não tinha muitas amizades, e daí eu decidi vir com ele só por um tempo... Na época eu fui primeiro para uma granja trabalhar e lá eu sentia tanta saudade do Brasil, porque eu ficava só entre japoneses, o meu único contato lá era o meu pai... Nessa época eu estava em Ōyama... Lá eu fiquei só entre japoneses, e todo mundo era bem mais velho do que eu... isso era *inaka* (interior) mesmo...mas foi lá que eu aprendi a falar e me virar em japonês... acho que eu fiquei mais ou menos três anos... De lá eu fui dois meses para o Brasil... Mas, eu não gostei... eu não sei... eu nunca tive muita amizade assim no Brasil, o pessoal que eu conhecia estava estudando... e eu tinha parado os estudos já fazia uns três anos, e para continuar de novo, não... eu também não gosto muito de estudar, daí o que eu ia fazer lá, e aí eu acabei voltando para o Japão... Eu lembro que na época que eu vim era novidade ver um brasileiro andando nas ruas, principalmente onde eu estava... as contas do telefone, nossa, eram enormes e assim toda hora eu escrevia carta.

Quando Ema migrou para o Japão, ela foi morar em Ōyama, que como Kandatsu é uma pequena cidade do interior no Japão. Na época a presença dos imigrantes que vinham através da migração de “retorno” era ainda novidade. Ao refletir sobre a sua motivação de migrar para o Japão, Ema conta que essa foi uma decisão repentina, tomada após a separação dos

⁴⁸ Ema é *sansei* e na época da entrevista em 2003 tinha uma idade entre os 25 e 30 anos. Migrou para o Japão com 15 anos sem ter terminado o ensino médio no Brasil. Ela é casada com um *nisei* de São Paulo e tem duas filhas.

pais, por ter-se sentido isolada, sem amigos, e sem nenhuma motivação para continuar os estudos. Ema explica que tomou a decisão de migrar junto com o seu pai, aos 15 anos de idade, para ficar por alguns meses no Japão para depois voltar ao Brasil e terminar o ensino médio. Contudo, essa segunda parte do seu plano não ocorreu. Ao regressar para o Brasil Ema afirma não ter sentido nenhuma motivação em continuar os estudos, que já havia parado há três anos. Após três meses no Brasil Ema decide voltar para o Japão, indo morar em uma outra área, onde havia mais oportunidades de trabalho.

No caso de Ema constata-se um outro tipo de motivação, onde o fator econômico não foi o motivo principal para ter migrado junto com o pai para o Japão. O seu isolamento no Brasil, a separação dos pais e as dificuldades no ensino ao lado dos problemas de ordem econômico-financeira constituem o contexto negativo que a levou a migrar para o Japão junto do seu pai por um período provisório.

Nota-se que nem sempre a motivação econômica é a causa principal para essa migração. Um outro exemplo é o caso de Kimi.

Sra. Kimi:⁴⁹

Eu acho que a primeira vez que eu vim... foi em janeiro de 96 para a igreja em Nara. Eu tinha acabado de me formar e daí eu decidi vir para aprender mais sobre a minha religião (Tenrikyō), por exemplo... o que os meus pais foram fazer lá no Brasil como missionários... por que foram para o Brasil... a gente prática (a religião) todo dia, mas não é que a gente entenda tudo né...e eu mesma nem conseguia explicar para os brasileiros que vinham lá em casa por que a gente vivia assim... Os meus pais são missionários, e eu cresci lá dentro da Igreja⁵⁰, então é difícil explicar para os outros né... mas eu sabia que um dia eu ia ter que ir estudar a minha religião no Japão, mas não sabia quando...na verdade eu não queria, mas quando eu estava no último ano da Universidade, ...eu não estava bem porque eu tinha problemas com o meu namorado, e depois de ter terminado eu decidi vir para o Japão...porque eu tinha que vir um dia, mas não sabia quando... a minha intenção foi só de ficar três meses....mas isso eu não falei pra ninguém...

Na época o Nori veio atrás de mim aqui no Japão e a gente voltou a ficar juntos... daí eu fiquei mais um tempo... Então, pois é, nesta época eu fiquei primeiro três meses em Nara e depois eu fui para Tóquio, porque lá está a outra sede da igreja. Daí voltei para o Brasil por um mês, mas foi só para casar e depois voltei de novo para o Japão para trabalhar... Eu acho que eu voltei no dia 12 ou 13 de maio de 1997. Eu vim pra cá para juntar um dinheiro pra depois de uns três anos voltar para o Brasil... Eu casei né, a gente queria também poder montar a nossa vida, ter o nosso próprio espaço e daí veio para o Japão... e nessa parte aqui do Japão tinha trabalho pagando bem, porque também tem muito japonês que migra para cá para trabalhar temporariamente.

⁴⁹ Kimi é nisei, mas por ser registrada no Japão é considerada japonesa pela lei, ou seja, issei. Em 2003 durante a primeira entrevista Kimi tinha 31 anos. Ela possui o curso universitário na área de ciências biológicas, porém não exerceu a sua profissão no Brasil e nem no Japão.

⁵⁰ Kimi migra inicialmente para o Japão através de uma oportunidade oferecida pela sua religião em estudar os princípios e a filosofia de vida divulgada pelo *Tenrikyō* (天理教), a fim de compreender melhor a sua criação no Brasil. Esse contexto é único dentro do quadro desses entrevistados.

Aqui nesse caso também a motivação inicial não é o fator econômico. São os vínculos imateriais transnacionais dessa imigrante com a religião *Tenrikyō* no Japão ao lado de problemas afetivos que a levaram a decidir ir estudar a sua religião no Japão por alguns meses. Como no caso de Ema, nota-se que uma mudança na motivação inicial é substituída com o decorrer do tempo pelo fator econômico.

O “retorno” para o Japão representa em ambos casos uma forma de independência econômica, motivando-as a trabalhar como *dekasegi* por alguns anos, mesmo que tenham que se submeter a trabalhos de mão de obra não qualificada. Apesar de se enfatizar na literatura a motivação econômica como sendo o principal fator impulsionando a migração de “retorno”, nota-se que outros aspectos também interagem, proporcionando e impulsionando simultaneamente esse movimento para o Japão. Um desses aspectos observados são as redes de contato desses imigrantes.

3.1.1 O papel das redes: migração de “retorno” ou experiência transnacional

A partir do final da década 1980 compreende-se que os emissários das empresas japonesas passaram a recrutar os emigrantes pós-guerra nos seus países de procedência (Yoshioka, 1995: 84) tornando-se evidente o papel das redes de contato no fenômeno da migração do “retorno”. Além do mais, as diferenças salariais e as histórias dos migrantes, que regressaram do Japão passaram a ser comentadas nos ciclos de amizade, entre os descendentes de japoneses, estimulando a emigração de outros nipo-brasileiros e brasileiros.

A importância desses aspectos pode ser atribuída à decisão de migrar, que vai além do aspecto econômico-financeiro. Se, por um lado, há a falta de perspectiva no Brasil em consequência da crise econômica no país, por outro lado, há o recrutamento das empresas japonesas, que passam a receber uma atenção maior dos nipo-brasileiros, após ouvirem sobre as experiências de outros *dekasegi* que retornaram com recursos financeiros.⁵¹ De qualquer forma, são esses tipos de histórias que passam a influenciar outros nipo-brasileiros a migrarem para o Japão. Em particular, os que tinham problemas econômico-financeiros e falta

⁵¹ Segundo as informações dos entrevistados, muitos ficaram a par da reforma na Lei Japonesa através das histórias de conhecidos que optaram em migrar para o Japão fugindo da crise econômica que predominava no Brasil desde os anos 80. O movimento de “retorno” ou *dekasegi* foi difundido também pelos jornais, em português, voltados para os descendentes de japoneses e japoneses no Brasil. De forma geral houve no início dos anos 90 um grande movimento emigratório do Brasil para os Estados Unidos, Europa e Japão (Margolis, 1994; Skidmore, 2010).

de perspectiva de futuro, e cuja situação melhoraria em curto prazo, como é o caso de Sachiko.

Sra. Sachiko:⁵²

Eu vim em 1990... uhm...já faz 13 anos que eu estou aqui, mas... eu já voltei nesse meio tempo várias vezes para o Brasil. Às vezes fico lá por dois ou três meses. Até um ano eu já cheguei a voltar...oh, isso que eu vim pensando em ficar aqui só por um ano e meio... tinha tanta gente saindo na época lá de onde a gente mora para trabalhar aqui... muito conhecido veio para cá trabalhar porque no Brasil não estava dando para sobreviver...Eu vim porque acabou o dinheiro, não tem serviço e daí eu vim para cá... E eu vim pra cá com uma das minhas filhas... quando eu cheguei uhm... eu não falava japonês,⁵³ e aqui eu aprendi um pouquinho né... Eu sou filha de japonês, o meu pai é de Tóquio e a minha mãe é de Okinawa... e assim eu podia vir.

Apesar de nunca terem posto os pés no país dos antepassados e de não dominarem ou falarem o idioma japonês, essa falta de conhecimento da cultura e língua japonesa não é interpretada como uma barreira para a migração ou permanência no Japão. Isso porque eles recebem o auxílio das empreiteiras para arranjar trabalho, apartamento, preencher documentos, facilitando assim a permanência no país, mesmo que não falem o idioma japonês (Roth, 2002: 66). Independentemente de Kandatsu ser uma cidade interiorana pequena, há também empreiteiras estabelecidas em cidades vizinhas, as quais servem de contato entre as empresas e os imigrantes que moram nessas áreas. Em Kandatsu também existem representantes (*tantōsha*) dessas empreiteiras, que atuam em arranjar trabalhos e no auxílio a esses imigrantes.

Em formal geral, as empreiteiras possuem um papel imprescindível dentro da migração de “retorno” dos descendentes de japoneses, tornando esse fenômeno possível para qualquer *nikkei*, independente de se ter ou não conhecimento do idioma japonês. Esse é o caso de Sachiko, que fala o idioma japonês, mas não consegue ler ou escrever, precisando dessa forma do auxílio de outras pessoas. Ao comparar a sua vida no Brasil e Japão, Sachiko comenta:

⁵² Sachiko é *nisei* e tinha na época da primeira entrevista em 2003 a idade entre os 50 e 60 anos. Mencionou ter feito o ensino fundamental, que não completou. No Brasil, em São Paulo, sempre exerceu a profissão de cabeleireira, mantendo assim junto com o marido a família. No Japão trabalhou em fábricas, e teve serviços considerados como mais leves devido à idade. Depois disso, passou a trabalhar num restaurante de comida brasileira junto com a filha e o genro. Nesse restaurante há uma pequena divisão com prateleiras repleta de produtos alimentícios, e uma outra com fitas de vídeos com programas brasileiros para se alugar. Esse restaurante é também um ponto de encontro para muitos outros nipo-brasileiros, que vêm ao restaurante para conversar sobre os problemas da vida cotidiana no Japão.

⁵³ Apesar de Sachiko compreender o japonês e falar o suficiente para as atividades básicas, ela não domina o japonês da mesma forma que o português.

Pra vir pra cá todo mundo dá um jeito...(risos)...o que se faz muito é vir e fazer tudo pela recrutadora...se não tem dinheiro... hoje eu vejo que o Japão é muito bom, ...aqui tem muita tranquilidade, segurança, e o pessoal respeita a gente que está velho.... mas o que a gente estranha mesmo aqui quando a gente chega é a comida. É difícil de se acostumar com a comida daqui... eu sou filha de japonês, mas em casa a gente sempre comeu o feijãozinho, com arroz, que nem brasileiro, e o tempero, uhm...é diferente né, disso eu senti muita falta por que eu estranhei a comida aqui no início, ... o nosso problema no Brasil ...Ah, no Brasil é difícil... é difícil de sobreviver. Quando a gente fica velha, e não tem quase pensão, e o que tem não dá, então...vem pra cá... tentar economizar mais, juntar um dinheirinho... mesmo que nem eu (ao se referir ao fato de ser mais velha)...tem até muita gente aqui do bairro, de onde eu vim, que chegou a encontrar a gente aqui... porque o pessoal vem pra cá e pra lá procurando trabalho que pague melhor, e que dá pra gente fazer, daí vai de um lado pro outro no Japão... e o pessoal escuta que a gente está aqui, e daí procura né... olha, eu gosto daqui mas, eu ainda tenho uma filha e um filho lá no Brasil, e os meus netos... e aí é difícil né... mas eu falo com eles toda semana.

Compreende-se que no Brasil, os recrutadores auxiliam os nipo-brasileiros interessados em migrar para trabalhar no Japão, e que não possuem recursos financeiros próprios, através de empréstimos, subsidiando assim os custos e facilitando o vínculo com os intermediários no Japão (Mori, 1992: 149-150), não restringindo a migração de “retorno” apenas para os imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos que possuíam o capital necessário para pagar a viagem para o Japão. Nesse sentido, os recrutadores nos países de origem tornaram o movimento possível para qualquer imigrante que tivesse interesse de migrar para trabalhar no Japão, independente da situação financeira, classe social, ou mesmo idade. É o caso de Sachiko, que migra na faixa etária de 50 anos para trabalhar como *dekasegi* por não conseguir se manter mais no Brasil com a sua aposentadoria e com o seu trabalho de cabeleireira.

De acordo com os relatos, após alguns anos de trabalho no Japão, Sachiko passa a viver num movimento pêndulo de ida e volta entre os dois países por mais de uma década, devido à separação da família, que ficou dividida em uma parte no Brasil e outra no Japão.

A importância dada à assistência dos recrutadores também é mencionada pelos cônjuges sem descendência japonesa, como é o exemplo de Shirlayna, que migra para o Japão para trabalhar ao lado do seu marido, sem nenhum conhecimento da língua ou cultura japonesa.

Sra. Shirlayna:⁵⁴

Ah! Era bom lá no Brasil... mas eu casei novinha e de repente a gente tinha essa chance... então a gente veio pra cá, quer dizer o meu marido veio primeiro... e eu vim depois... que era pra gente poder ter uma coisa melhor lá. A gente não tinha nada lá...e o meu marido decidiu vir porque ele é sansei, mas... bom, eu sou brasileira.... Sou morena, cabelo crespo, olhos claros,

⁵⁴ Shirlayna tinha em 2003 entre 25 e 30 anos. Ela terminou o ensino médio no Brasil. É casada com sansei e tem um casal de filhos no Japão. Pelo fato de ser casada com um descendente de japonês possui o direito de morar e trabalhar no Japão.

mas eu sou casada e o meu marido é sansei, então eu podia vir...e agora a gente já está aqui há 12 anos e tem esse casal de filhos... mas, logo quando o meu marido veio não deu para mim vir, porque a minha filha ainda era muito pequenininha, e daí ele disse para mim esperar lá no Brasil, e mesmo... o meu pai também não queria que eu viesse pra cá, mas eu vim. ... Eu consegui vir através de uma agência que dava assistência pra quem queria vir lá em Osasco... eu me inscrevi, apresentei os documentos de casada, e como o meu marido já estava na época na região de Kyōto, eu fui pra lá... pensando em ficar só por um ano... e agora você vê a gente já está aqui há 12 anos... mas a gente sempre pensa em voltar.

Mesmo que estivesse indo com um bebê de colo para um país desconhecido, sem conhecimento nenhum da língua e da cultura, essa situação não é interpretada como um obstáculo ao decidir migrar para o Japão como *dekasegi*. Ao contrário, Shirlyna interpreta essa decisão como uma oportunidade de trabalho. Uma oportunidade temporária, da qual pretendiam usufruir para terem uma vida melhor no Brasil.

Compreende-se que as agências de recrutamento no Brasil auxiliam e facilitam os cônjuges, independente de terem ou não a descendência japonesa. Dentro desse contexto constata-se como as redes influenciam e proporcionam o volume que essa migração atingiu no Japão.⁵⁵ Mesmo para os imigrantes sem elementos da bagagem cultural japonesa.

Um outro fator que determina esse movimento são também os laços de família, que se estendem além das fronteiras geográficas, como é o caso de Tetsuji e Dalila, que migram para trabalhar como *dekasegi*, visto que não tinham oportunidades de trabalho no Brasil na época da crise para se manter economicamente. A privação econômico financeira levou-os a irem morar perto dos familiares no Japão.

Sr. Tetsuji:⁵⁶

Eu vim para cá juntar dinheiro porque no Brasil a situação estava pegando feio... a gente tinha um negócio de família, mas com a crise a gente começou a perder tudo, e o meu irmão já estava pra cá há uns anos e não dava pra ele ficar sustentando daqui o resto da família lá, até para os meus pais foi difícil porque a pensão no Brasil não vale nada e sem os negócios não dava pra sobreviver... daí eles também vieram pra cá porque tivemos que fechar tudo... começamos vendendo os carros e outras coisas pra pagar as dívidas e vir pra cá... como o meu irmão e a minha irmã já estavam aqui no Japão e eles estavam conseguindo guardar e se virar aqui... daí eu pensei, é melhor ir tentar também, mas só que a intenção da gente era de voltar logo depois...porque no meu caso a minha esposa é brasileira, e para ela é meio difícil de se virar aqui e de ficar longe da família lá do Brasil... mas ela dá o jeito dela, porque a gente tem dois

⁵⁵ Ver Yoshioka (1995: 89-94) para maiores detalhes sobre as formas e estruturas de recrutamento de trabalhadores no Brasil para as empresas japonesas no Japão.

⁵⁶ Tetsuji é *nisei* e tinha 30-35 anos na entrevista de 2003. Ele não chegou a concluir o ensino universitário antes de migrar para o Japão. No Brasil trabalhou no ponto comercial da família, o qual foi fechado em decorrência da crise. Tetsuji é casado com Dalila, que é brasileira sem descendência japonesa, e juntos eles têm um casal de filhos.

filhos para tomar conta, então tem que fazer... e como eu conheço o pessoal que veio e que voltou ...então a gente sabe que dá e como não tinha mais como ficar lá na época a gente veio.

Imigrantes como Tetsuji, que migraram em meados da década de 1990 para trabalhar como *dekasegi*, eram conscientes do tipo de vida e de trabalho que teriam no Japão.

Em decorrência da crise econômico-financeira na década de 1980 e 1990, Tetsuji perde o ponto comercial da família, assim como também o status, a segurança econômica e social. Ademais, o fato de seus pais e irmãos já estarem no Japão trabalhando como *dekasegi* influencia a sua decisão. Para esses migrantes, a migração de “retorno” representa uma estratégia econômica temporária a fim de poder recuperar o status de classe média, que tinham no Brasil. Como nos outros relatos constata-se que a intenção inicial associada ao “retorno” pelos imigrantes nipo-brasileiros é a migração temporária.

Como Tetsuji explica, a decisão de migrar é influenciada também pelos relatos dos outros que partiram antes, independentemente de possuírem ou não contato. As histórias dos imigrantes que partiram e que regressaram apresentando uma situação econômica melhor influenciaram muito no comportamento de outros nipo-brasileiros que tomaram a mesma decisão.

Ao contrário do que o governo japonês propagou no Japão (Kajita, 1994: 172), nenhum desses imigrantes entrevistados mencionou ter vindo com o objetivo de combinar o trabalho de mão de obra não qualificada com visitas aos familiares, e nem mesmo como sendo uma oportunidade de conhecer o país dos antepassados.

Diferente dos *dekasegi*, constata-se no trabalho de campo que são os estudantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos⁵⁷ vindos como bolsistas através de intercâmbio os que são motivados em aprender a língua, visitar os parentes e conhecer o país. Observa-se também que a probabilidade é maior para os estudantes de intercâmbio de frequentarem as aulas de japonês para estrangeiros⁵⁸ e aprenderem mais sobre o país dos seus antepassados. Os imigrantes que vieram para realizar trabalhos de mão de obra não qualificada são exceções

⁵⁷ Entrevistas avulsas conduzidas na escola de japonês para estrangeiros em Tóquio. Os estudantes eram bolsistas do Brasil e do Peru e receberam bolsas de estudos através de convênios existentes entre o Brasil e o Japão e entre o Peru e o Japão. Foram feitas nessa escola três entrevistas avulsas, curtas, com esses estudantes, apesar de se ter os dados dos quinze estudantes de intercâmbio nipo-brasileiros, os quais não foram utilizados no corpo deste livro. Contudo, uma das três entrevistas foi com o *dekasegi*, que estuda o idioma japonês. A sua motivação ilustra as intenções desse imigrante em permanecer no país e de melhorar de serviço, através do aprendizado do idioma.

⁵⁸ De acordo com a professora de japonês e a administradora da escola, a maior parte dos estudantes provenientes da América Latina e que frequenta as aulas de japonês para estrangeiros é bolsista.

nessas aulas. Apesar desses estudantes de intercâmbio serem conterrâneos, eles não se comparam com os nipo-brasileiros que vieram para o Japão trabalhar como *dekasegi*. Nota-se que esses estudantes atribuem uma determinada diferença na percepção do status que eles têm no Japão como estudantes, visto que os objetivos desses nipo-brasileiros, conterrâneos, são diferentes.

De qualquer forma, para os *dekasegi* a migração de “retorno” representa uma oportunidade de trabalho, de mão de obra não qualificada, temporária, com fins econômico-financeiros para que possam tentar ter uma vida melhor no Brasil. Quer dizer, ao contrário do que se constata em Linger (2001), Roth (2002) e Tsuda (2003c), afirmo que esses migrantes, ao decidirem migrarem estão conscientes do tipo de trabalho e de vida em torno do migrante *dekasegi* no Japão.

De acordo com os resultados empíricos, essa conscientização dentro do processo migratório pode se atribuída, sobretudo, às redes de contato. Mesmo que se trate de uma motivação econômico-financeira, observa-se que a interação dinâmica das redes de contato influenciam os mais diversos tipos de casos de migrantes. É também o caso de Nori, que migra sem ter diretamente problemas de ordem econômico-financeira. No seu caso, a migração passa a representar uma oportunidade de independência, para que possa sair dos negócios da família e montar algo próprio.

Sr. Nori:⁵⁹

No Brasil eu tocava os negócios, e eu não dependia de ninguém... porque eu sempre soube dar o meu jeito e resolver as coisas... Eu tocava a CEASA,⁶⁰ tinha clientela fixa, e mais aqueles que a gente conseguia assim, porque sabe falar com o pessoal né. Eu cuidava de tudo, porque eu sou o filho homem mais velho em casa... eu vim para cá porque a minha namorada estava aqui no Japão...primeiro eu pensei em conhecer um pouco para depois voltar...mas depois de um tempinho eu pensei em ficar um pouco... e foi assim... Então, a primeira vez que eu cheguei aqui foi em 1996... e eu não vim para trabalhar, mas eu encontrei uns conhecidos aqui...e foi aí que eu decidi ficar aqui um tempo trabalhando. Na época quando eu vim, coincidiu de eu vir com um amigo de Belém, que estava vindo trabalhar... eu decidi casar e tentar montar o meu próprio negócio, casa...e eu vi que dava para fazer isso se eu trabalhasse aqui por um tempo.

⁵⁹ Nori é *nisei* e tinha 32 anos em 2003. No Brasil não terminou a universidade. Nori é casado com uma *nisei*, e tem três filhos. Na sua primeira entrevista mencionou ter trabalhado desde a sua adolescência por ser o filho homem mais velho, assistindo aos negócios da família na CEASA no Brasil. Além disso, consta que ao terminar o curso de agronomia, trabalhou ainda por alguns anos, mantendo os negócios na CEASA, como comerciante. Ao migrar para o Japão passou a trabalhar em várias fábricas, fazendo trabalho de fundição, controle de peças e, por último, trabalho de representante, ou seja, *tantōsha* (担当者).

⁶⁰ A CEASA é uma central de abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros, e a qual é formada por uma sociedade anônima de economia mista, constituída por força da transferência do controle acionário do Governo Federal para os Governos dos Estados brasileiros, sendo a mesma vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura, da Pecuária da Pesca.

Para Bourdieu e Wacquant (1992: 119) as redes de contatos são uma forma de *capital social*, uma vez que desempenham um papel importante dentro da sociedade por fornecer informações necessárias para um determinado grupo de pessoas. Segundo Massey *et al.* (2003: 50) e Portes e De Wind (2008: 6) essa forma de rede de informações favorece, mesmo após o motivo econômico inicial ter desaparecido, a permanência desses migrantes. Nesse caso, fica evidente de que a motivação econômica surge após o contato com as redes, influenciando o imigrante na mudança dos seus planos iniciais, através das histórias e conversas com conhecidos sobre os altos salários no Japão em comparação com o Brasil.

As redes existentes entre os imigrantes no país receptor são compartilhadas por vários tipos de pessoas, estendendo-se além dos laços familiares e de amizade, ou mesmo de comunidade (Massey *et al.*, 2003: 50; Portes e De Wind, 2008: 6). Nesse caso, a motivação inicial mudou após a chegada no Japão, através do contato com conhecidos e conhecidos dessas pessoas, que já estavam trabalhando no Japão. Para Nori foram essas formas de contato que o influenciaram na sua decisão de permanecer no Japão para trabalhar como *dekasegi*. Nori esclarece que não tinha problemas financeiros quando estava no Brasil e liderava os negócios da família na CEASA, porém, sempre teve o sonho de ter o seu próprio negócio, independente dos pais. Ele combinou a vontade de querer vir ao Japão com o problema particular com a sua namorada. A sua intenção era retornar ao Brasil, mas encontrou conhecidos no Japão e assim acabou por prorrogar a sua permanência.

Observa-se entre vários imigrantes que o valor dos laços de família, vínculos de amizade, e mesmo de toda a estrutura social ao redor dos migrantes, interage tanto na motivação do processo emigratório, quanto na decisão de permanência no Japão. Esse tipo de estrutura é constatado de forma frequente entre os emigrantes mexicanos que foram para os Estados Unidos (Smith, 2006: 196-198; Massey *et al.*, 2003: 50; Smith, 2005).

3.1.2 A formação escolar dos imigrantes nipo-brasileiros

De acordo com o debate na literatura existem diferenças nos resultados com relação aos imigrantes nipo-brasileiros que fazem parte da migração de “retorno” para o Japão. Essas diferenças são em relação à formação escolar dos nipo-brasileiros, à mudança de status ao migrarem e à percepção positiva ou negativa que se tem do Japão. Apesar desses três tópicos estarem associados um ao outro, o foco nesse discurso é a motivação, a formação escolar e o status desses imigrantes que fazem parte da migração de “retorno”. Como foi mencionado

antes, Tsuda (2003c: 58) e Maeda (2007: 176) introduzem interpretações diferentes, em torno da formação dos imigrantes no Japão.

Com base nesses dados, compara-se aqui essas análises com o resultado obtido através do quadro dos informantes nos estudos de caso ($N=30$) e nas enquetes entre os nipo-brasileiros ($N=140$), de que se tem os dados da formação escolar.

Os três exemplos abaixo mostram a diversificação dos imigrantes nipo-brasileiros envolvidos no “retorno”:

Sra. Sachiko:

Eu morava em São Paulo na Vila Carrau- zona leste antes de vir pra cá... uhm... meu nível de estudo no Brasil... ensino básico... eu vim em 1990. Já faz um bom tempinho que eu estou aqui, mas eu já voltei nesse tempo várias vezes para o Brasil. Às vezes fico lá por dois ou três meses, até um ano eu já cheguei a voltar. Eu vim pensando em ficar um ano e meio... eu vim pra cá porque o dinheiro acabou, não tem serviço e daí eu vim para cá. Eu vim pra cá com uma filha... Eu não falava japonês, mas quando eu cheguei no Japão e aprendi um pouquinho né. Eu sou filha de japonês, meu pai é de Tóquio e a minha mãe é de Okinawa... Eu gosto daqui... você tem aqui tranquilidade, segurança, mas o que a gente estranha é a comida.

Sra. Ema:

Eu queria voltar para o Brasil, assim como quando eu vim para cá, por vontade própria. Mas, o que eu ia fazer lá no Brasil, com estudo pela metade? Já aqui no Japão, a gente arranja um trabalho mesmo tendo o estudo pela metade. O meu problema é que quando eu comecei o segundo ano eu parei e vim pra cá... eu não tinha mais vontade de estudar nessa época... o meu pai decidiu vir e daí eu vim com ele.

Sr. E. Ryuichi Shimizu:⁶¹

Ah...por onde eu vou começar, eu sou nisei de São Paulo, formado...eu vim pra cá, faz dez anos (1995)... na época eu era em São Paulo analista de sistema, e trabalhava como funcionário no ITA. ...e mesmo assim... tava difícil a vida lá no Brasil, eu tirava um salário por mês que mal dava pra fazer alguma coisa... e aí eu pensei em vir pra cá... e fiz... Olha com o passar do tempo as coisas vão mudando e eu conheci o pessoal aqui, tanto japonês quanto brasileiro. Eu não tenho isso... eu me dou bem com todo mundo... a minha esposa é japonesa...

Bom... depois de um tempo aqui, eu pensei em abrir o meu próprio negócio e fiz... e hoje... eu entrego encomendas aqui nessa região, mas é isso... No tempo que eu tenho, também sou voluntário no corpo de bombeiros da minha cidade. E faço o que posso. Bom o fato de saber ler e escrever japonês ajuda muito aqui... se você quer tentar a vida aqui né... Agora eu também sou pai, tenho uma filha e com ela, hoje, eu falo as duas línguas. A minha mulher é japonesa, e só fala japonês em casa com ela, então eu incentivo o português.

Esses três exemplos acima ilustram o quadro diversificado que compreende a formação escolar e a motivação dos imigrantes nipo-brasileiros dentro da migração de “retorno”. Observa-se, aqui, imigrantes que fazem parte da migração de “retorno” com apenas o ensino

⁶¹ Eduardo Ryuichi é sansei. Durante a entrevista em 2005 tinha entre 30 e 35 anos. Ryuichi é do interior de São Paulo no Brasil. Além de ser formado na área de exatas, é fluente em português e em japonês tanto na escrita quanto na fala. No Japão montou a sua própria firma, com dois funcionários japoneses trabalhando para ele.

fundamental, assim como outros com o ensino médio incompleto e com ensino universitário. Esse último grupo representa na pesquisa um total de 15% dos imigrantes entrevistados ($N=170$), outros 7% são os informantes que trancaram a universidade para ir ao Japão e têm o ensino superior incompleto.

Conforme os dados, a maior incidência de imigrantes é a dos que possuem apenas o ensino médio completo nessa pesquisa, sendo um total de 52% ($N=170$) dos informantes. De acordo com os outros dados, 13% possui apenas o ensino fundamental completo; 9% o ensino médio incompleto e 4% a especialização ou pós-graduação. Como o total de respondentes ($N=30$) nos estudos de casos e ($N=140$) nas enquetes, ou seja, de ($N=170$) informantes é insignificante dentro dos parâmetros de uma pesquisa para que se possa fazer alguma generalização, acrescenta-se o material de uma amostra da “Comunidade Brasileira” de 825 respondentes do Banco do Brasil⁶² na área de Tóquio e redondezas. Esse material mostra um quadro similar aos dados desta pesquisa com relação à formação escolar dos nipo-brasileiros da comunidade brasileira no Japão, e é utilizado apenas para comparação e afirmação dos meus dados.

Quanto à formação escolar dos nipo-brasileiros, as amostras de ambas as pesquisas caracterizam-se pela variação seguinte: ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo, pós-graduação/especialização.

De acordo com os resultados dos ($N=825$) respondentes adquiridos, 49% possuem o ensino médio completo, 28% possuem o ensino médio incompleto, 9% o ensino superior incompleto, e apenas 7% possuem o ensino superior completo. Ou seja, grosso modo, a maior parte dos imigrantes possui apenas o nível do ensino médio completo.

Ao comparar os resultados, nota-se que o quadro é similar nas duas pesquisas, com relação à formação escolar da maior proporção de imigrantes. Em ambos os cenários o maior grupo possui apenas o ensino médio completo. A diferença está no segundo maior grupo nas duas pesquisas. Nos dados do Banco do Brasil, o segundo grupo é dos imigrantes com ensino médio incompleto, enquanto na minha amostra são os que têm o ensino superior completo.

⁶² Anexo D. Caracterização da amostra quanto à formação escolar dos imigrantes nipo-brasileiros que foi realizada pelo Banco do Brasil em 2002. Ressalto que a amostra de ($N=825$) respondentes do Banco do Brasil é apenas utilizada para mostrar que o resultado desta pesquisa, que foi conduzida em 2005, também se reflete na pesquisa quantitativa conduzida pelo Banco do Brasil nessa década no que diz respeito à formação escolar dos imigrantes nessa área. Essa é apenas amostra de comparação de dados neste trabalho.

De acordo com a amostra, os imigrantes com ensino superior completo que fazem parte da migração de “retorno” migram por causa da falta de perspectivas de futuro no Brasil, como é o caso de Ryuichi, que apesar de ser formado, mal conseguia sobreviver sozinho a crise com o salário que tinha. Outros 7% explicam ter trancado a universidade, por pretenderem trabalhar no Japão por uns anos para juntar dinheiro para depois regressar ao Brasil e terminar os estudos, dado que também tinham sérios problemas financeiros na época no país. Esse resultado reflete a forte recessão econômica no Brasil desde a década de 1980 que se estendeu também na década de 1990.

A migração de “retorno” para o Japão é a solução para a perda do poder aquisitivo da classe média e média baixa dos nipo-brasileiros e cônjuges, que se encontravam numa situação com pouca perspectiva de trabalho e futuro no Brasil. Os descendentes de imigrantes, que fazem parte da classe alta e média alta não são os imigrantes que vieram para trabalhar como *dekasegi* no Japão. Como Maeda, o meu posicionamento é que os nipo-brasileiros que sofreram menos com o impacto da crise permaneceram no Brasil e não migraram para trabalhar no Japão para realizar trabalhos de mão de obra não qualificada. Ao contrário de Maeda, afirmo que é evidente a presença de uma pequena proporção de imigrantes nipo-brasileiros com a formação escolar universitária. Nipo-brasileiros com formação universitária, que se encontram numa situação econômico-financeira difícil ou ruim, com poucas perspectivas de melhora, responderam muito provavelmente da mesma forma aos problemas que emergiram da crise econômica, migrando assim por razões econômico-financeiras e pela falta de perspectiva de futuro no campo de trabalho na época no Brasil.

Maeda omite na sua pesquisa essa diversidade entre os imigrantes nipo-brasileiros, que também fazem parte desse fenômeno, apesar de se compreender que o maior grupo de imigrantes representado nessa área é o dos imigrantes nipo-brasileiros, que possuem a formação escolar até o ensino médio. Esses são aspectos que mostram que essa migração não é homogênea.

Para a maioria, essa migração representa uma estratégia temporária adotada para se poder manter a continuidade do status de classe média que se tinha, antes da crise. Um padrão de vida que muitas famílias perderam no Brasil durante a crise econômica. Uma época marcada pela falta de perspectiva de que a situação no país iria melhorar, sobretudo, quando dois presidentes consecutivos, José Sarney (1985-1990) e Fernando Collor (1990-1992) fracassam em suas diferentes tentativas em tentar controlar a hiperinflação no país, em períodos repletos

de escândalos de corrupção, violência, falta de perspectivas de trabalho e de futuro. Assim, independentemente do nível de formação escolar, muitos descendentes de imigrantes decidiram emigrar, só ou com suas famílias, com ou sem estudo completo. Como se vê nos resultados nas análises das entrevistas, mesmo profissionais em início de carreira sentiam a privação de permanecerem dependentes dos pais e de um futuro melhor, caso permanecessem no Brasil.

3.2 Questionando a identidade na migração de “retorno”

Um fator essencial dentro do fenômeno da migração de “retorno” é o privilégio político, de se poder obter o visto para se trabalhar legalmente no Japão. Na prática constata-se, entretanto, diferenças nos direitos dos migrantes, que caracterizam esse “retorno”. Particularmente, diferenças que levam os migrantes a terem experiências distintas de como os vínculos com a identidade japonesa são interpretados no Japão. A impressão de que na prática existem gradações na construção da identidade e no sentido de se ter um visto ou um *koseki*.

3.2.1 A diferença entre os imigrantes com visto ou *koseki*

Politicamente, o fato de os descendentes de japoneses da segunda e terceira geração terem optado pela migração de “retorno” como *dekasegi* reafirma os vínculos sanguíneos da identidade japonesa. Na prática esse “privilégio” dá-se através do visto, que é concedido aos descendentes da segunda e terceira geração de japoneses que migraram para o além-mar.⁶³ Na prática, entretanto, nota-se que existem também diferenças na construção da identidade dos migrantes que possuem direitos, que se estendem além da experiência de se poder obter um visto. É o caso do *nisei* Takamichi, que mostra nesse trecho da sua entrevista uma diferença básica entre o seu caso e o dos seus irmãos, como eles todos são identificados no Japão de acordo com a lei japonesa.

Sr. Takamichi:

Outra coisa quando você vem aqui... e você tem nome em português, o japonês logo te identifica como estrangeiro, então, como no meu caso, eu tenho um nome em japonês, e em português, mas o nome em português eu não uso...só que eu não fui registrado no Japão, então eu tenho que tirar o visto para ficar aqui... porque aqui eu sou brasileiro, *nisei*, mas eu sou brasileiro. Já o caso dos meus irmãos é diferente porque eles foram registrados no consulado do Japão quando nasceram, por isso eles são japoneses no Japão.

⁶³ O visto para os descendentes da quarta geração, ou seja *yonsei*, também é possível.

Observa-se duas situações nesse trecho. Primeiramente a questão de se ter um nome japonês e um nome estrangeiro, e o fato de se ter um visto ou *koseki*. Tanto o nome quanto o visto, ou *koseki*, são elementos que interagem na construção da identidade do nipo-brasileiro no Japão. Esses elementos mostram as opções fixas nas variações em que se constrói a identidade, as quais variam de acordo com o contexto das relações sociais da pessoa em discussão.

É comum entre os descendentes de japoneses de se ter um nome japonês e um nome estrangeiro, que seja comum no país de sua procedência. Todavia, nem todos os imigrantes *nikkei*⁶⁴ possuem dois nomes. Há também nipo-brasileiros que possuem apenas o nome japonês como é o caso de alguns informantes nesta pesquisa, mas entre as pessoas com dois nomes prevalece a preferência pelo uso do nome japonês no Japão. Publicamente existe a preferência pelo nome japonês, a fim de não serem identificados como estrangeiros, apesar de ser compreendido que as pessoas ao redor deles, seja no trabalho ou na escola dos filhos, saibam que eles são imigrantes *nikkei*.

Um segundo aspecto abordado no trecho da entrevista de Takamichi, que interage no discurso da construção da identidade no Japão, é o visto. Takamichi afirma que por precisar do visto para viver no Japão, ele é identificado como *nikkei* e estrangeiro. Essa situação é diferente dos seus irmãos que possuem *koseki*, ou seja, a nacionalidade japonesa.

No Japão a nacionalidade japonesa é concedida através do registro civil de família, denominado em japonês como *koseki tōhon* (戸籍謄本). Nesse documento registra-se o nascimento dos filhos, morte, casamento e divórcio. Ademais, apenas os cidadãos japoneses possuem um *koseki*. Assim, quando um estrangeiro casa com um cidadão ou cidadã japonesa, o nome do cônjuge é inserido no *koseki* da esposa ou marido (CRN Japan, 2009), porém esse cônjuge continua sendo visto como estrangeiro pela lei japonesa. Apesar de não se ter dados específicos sobre o número de descendentes portadores da nacionalidade japonesa,⁶⁵ constata-se no Japão, em diversas situações, casos de imigrantes *nikkei*, que possuem a nacionalidade japonesa por terem sido registrados no registro de família no Japão. Nesse caso, esses imigrantes não podem mencionar ou usufruir publicamente dos direitos concedidos a outra nacionalidade, uma vez que a lei japonesa não reconhece a dupla nacionalidade. Ou seja,

⁶⁴ Descendentes de japoneses nascidos no exterior.

⁶⁵ Tsuda (2003c) estima que 10% dos nipo-brasileiros no Japão possuem o *koseki tōhon*, não estando assim registrados como brasileiros. Apesar de não haver evidências estatísticas sobre esse aspecto, constata-se entre os ($N=140$) respondentes da enquete e entre os ($N=30$) respondentes do quadro fixo que cerca de 5% desse total tem o *koseki tōhon*.

esses *nikkei* são considerados apenas como japoneses no Japão, não constando no cadastro de estrangeiros do governo japonês.

3.2.2 A relação do visto ou *koseki* e a nacionalidade

A construção da identidade entre os imigrantes *nikkei* que possuem a nacionalidade japonesa engendra situações confusas no Japão, tanto para os imigrantes quanto para as outras instituições. É o caso de Kimi quando foi tentar fazer o registro de nascimento do seu filho no Brasil, através do Consulado do Brasil em Tóquio.

Sra. Kimi:

Aconteceu comigo aqui no Japão na época que o Yoshikazu nasceu ...de eu ter um prazo pra fazer o registro dele no Brasil, daí eu tinha que ir lá pra Shinagawa sabe... onde fica o Consulado do Brasil em Tóquio pra registrar o nascimento dele... pois é, aí quando chegou a minha vez, o funcionário me disse que eu não podia fazer o registro dele porque no Japão eu sou japonesa... e nesse caso, já que o meu marido é nisei...e brasileiro, é ele que tem que ir pra lá pra poder fazer o registro aqui.

Ainda que os nipo-brasileiros que têm um *koseki* mantenham ambas nacionalidades, mostra-se nesse contexto que o discurso da nacionalidade é inexistente para a lei japonesa, que não reconhece a dupla cidadania no Japão. Por esse motivo, apenas o marido de Kimi pode registrar os filhos através do Consulado do Brasil.⁶⁶ Nessa família, os três filhos possuem um nome em português, o qual não consta no *koseki* da mãe no Japão, apenas no registro civil de nascimento do Brasil.

Quando o nascimento dos filhos dos nipo-brasileiros ocorre no Japão, os filhos recebem a nacionalidade dos pais, ou seja, na maioria dos casos a nacionalidade brasileira.

Sr. Tetsuji:

Aqui no Japão é assim... se os pais têm o *koseki tōhon*... os filhos são japoneses, mas quando não têm, eles são brasileiros, que nem a minha filha que nasceu aqui... mas é brasileira.

Assim como Tetsuji, a maior parte dos informantes e nipo-brasileiros possuem o registro de estrangeiro (*gaikokujin tōroku shōmeisho*) no Japão. As famílias desses imigrantes, independentemente dos filhos terem nascido ou não no Japão, estão registrados como brasileiros. Esse é também o caso dos descendentes dos coreanos que nasceram no Japão, assimilaram a cultura japonesa e vivem nesse país por várias gerações. Apesar de terem nascido no Japão, isso não modifica a nacionalidade e o status desse grupo étnico. Esses

⁶⁶ Esses dados são do ano de 2005.

descendentes de coreanos possuem de acordo com a lei japonesa o status de *permanência especial*, ou seja, eles continuam sendo considerados estrangeiros mesmo após várias gerações. Ressalta-se que uma porcentagem desse grupo passou a se naturalizar japonês, o que significa a perda da nacionalidade coreana e a mudança do nome de família (Weiner e Chapman, 2009: 174). Compreende-se que alguns informantes nipo-brasileiros estão considerando seriamente a possibilidade de se naturalizarem japoneses, especialmente, os que decidiram se enraizar no Japão.

3.2.3 O encontro étnico e o choque cultural

Apesar de o governo japonês abrir as “portas” para a migração de “retorno” dos descendentes de japoneses nascidos no além-mar, esse processo tem como resultado uma reação mútua e inesperada de choque cultural. Por um lado, os japoneses são confrontados com o comportamento cultural diferente dos nipo-brasileiros, por outro lado, esse encontro étnico também tem como resultado uma reação inicial de crise identitária entre os nipo-brasileiros ao serem confrontados com o fato de a própria identidade japonesa agregada no Brasil não ser coerente.

Para se compreender como esse encontro étnico se repercute para esses dois grupos em Kandatsu, observa-se em vários pontos comerciais a reação e interação dos japoneses com os nipo-brasileiros.

Como essa pesquisa é conduzida na década de 2000, compreende-se que para muitos imigrantes o choque cultural inicial constitui algo que pertence à memória do passado, embora ainda notem problemas atuais por não saberem como lidar em determinadas situações. Para outros, que fazem parte de um fluxo migratório mais recente, as situações embaraçosas em consequência das diferenças culturais continuam fazendo parte da vida cotidiana.

Assim como os nipo-brasileiros, os habitantes japoneses também são confrontados com a presença de um novo grupo de imigrantes, *nikkei*, com os quais ainda não sabem como lidar.

Ao se abordar esse tema, Yamamoto⁶⁷ que mora no Japão desde 1990 reflete sobre as situações de incompreensão ocorridas no início, quando chegou no país.

⁶⁷ Yamamoto é nisei, separado e mora sozinho em Kandatsu. Voltou para o Japão após ter perdido tudo no Brasil, quando tentou ter o seu próprio negócio em São Paulo. Em 2005 tinha 47 anos de idade. Ele participou apenas de uma entrevista avulsa.

Sr. Yamamoto:

Uhm aqui no início...era complicado...os japoneses não entendiam não... porque a gente não compreende o que eles queriam dizer quando eles davam uma informação... a reação deles era de ficar assim... olhando pra cara da gente... como se a gente tivesse tirando graça da cara deles...é...aí é até melhor você ter cara de estrangeiro ...porque pra gente eles olham desconfiados... quando isso acontece é até melhor falar bem errado porque aí eles entendem que a gente não entende ...é complicado...mas, hoje em dia eu vejo que a situação já é diferente, o pessoal aqui já 'tá mais acostumado com a gente...já é não mais como antigamente, mas...isso também depende muito também da cabeça da pessoa com quem você fala.

Muitos imigrantes mencionam terem preferido ficar calados no passado, quando não sabiam algo por sentirem vergonha de terem que pedir uma informação. Medo ou vergonha por não se sentirem compreendidos, por não poderem corresponder à expectativa de que deveriam saber tal informação, principalmente, quando se encontram fora do lugar de trabalho. Cito o seguinte informante:

Sr. Tetsuji:

Ah... é diferente quando você tem cara de estrangeiro, que nem você [pesquisadora], eles [os japoneses] compreendem que você não sabe, porque você é *gaijin*... mas a gente não... a gente tem cara de japonês, daí eles pensam que a gente é *baka* (idiota) mesmo... e ...realmente dá vergonha de perguntar...eu prefiro ficar calado.

Apesar do fluxo migratório dos nipo-brasileiros para o Japão não ser um fato recente, observa-se ainda uma determinada falta de conhecimento ou compreensão de como saber lidar com os descendentes de japoneses nascidos no além-mar. Essa observação é predominante nas entrevistas.

Nos resultados constata-se diferenças nos posicionamentos dos informantes japoneses. Por um lado, há um determinado sentimento de indiferença com relação aos imigrantes, mesmo entre os japoneses, independente de terem contato direto ou não com nipo-brasileiros. Essa indiferença indica primeiramente o fato de serem trabalhadores *dekasegi*, que preenchem trabalhos que os próprios japoneses evitam de fazer. Ou seja, a afinidade étnica se traduziu numa política que substituiu empregados ilegais, ou de outras etnias, por consanguíneos. Em países como os Estados Unidos, são os mexicanos, trabalhadores estrangeiros, que realizam trabalhos temporários de mão de obra não qualificada (Massey, 1987: 1372-1403; Massey, Durand e Malone: 2003; 150-151). A diferença é que no Japão são os consanguíneos ou co-étnicos, recrutados para atender essa demanda econômica no país.

Nas entrevistas observa-se também uma dicotomia com relação ao tema dos imigrantes nipo-brasileiros. Ou há uma aversão, quando os nipo-brasileiros chamam uma determinada

atenção negativa por não respeitarem ou compreenderem as normas e valores da sociedade dominante. Ou existe um determinado sentimento de afinidade por serem consanguíneos. É importante reter aqui que de uma certa forma presume-se que os imigrantes conheçam ou respeitem as normas e valores da cultura japonesa, por serem descendentes de japoneses. Contudo, muitos imigrantes não compreendem ou não sabem como lidar com determinadas diferenças culturais consideradas importantes para os japoneses. É exemplo a questão da separação do lixo, emergindo assim uma situação negativa em torno desses imigrantes.

Apesar de nenhum informante japonês mencionar esse aspecto durante as entrevistas, isso não significa que não haja problemas em torno da separação do lixo em Kandatsu. No trabalho empírico, lê-se nos prédios da prefeitura, onde os informantes vivem, informações sobre a coleta e separação do lixo escrito especificamente em português. Chama a atenção que os textos encontrados nesses prédios estão apenas escritos em português. Essas informações estão pregadas nas paredes dos andares com residentes estrangeiros, nesse caso, nipo-brasileiros e brasileiros, para que todos possam ler. Apesar da maioria dos residentes nesses prédios da prefeitura serem japoneses, essas informações são direcionadas especificamente ao grupo de imigrantes que falam o idioma português.

De acordo com as informações, eis a separação e classificação do lixo: lixo incinerável (*moeru gomi*), lixo não incinerável (*moenai gomi*), lixo reciclável (*shigen gomi*), lixo nocivo (*yūgai gomi*), lixo de grande porte (*sodai gomi*). Ao lado dessa informação estão também os dias da semana, ou do mês, que esses tipos de lixos são apanhados.

O fato de se ler esses panfletos sobre a separação do lixo em português em todos os prédios visitados significa que há ou houve a ocorrência de problemas por falta de informação também nessa área. Esse tipo de ocorrência mostra que no Japão as necessidades e os problemas dos grupos de imigrantes, como por exemplo dos coreanos (imigrantes antigos) e dos *nikkei*⁶⁸ (imigrantes novos) são diferentes (Tsuneyoshi, 2011a: 22; Shimizu e Shimizu, 2001). No caso dos imigrantes *nikkei* os problemas refletem a necessidade desses imigrantes em aprender a lidar com questões cotidianas consideradas importantes dentro da sociedade japonesa, como é o exemplo da questão da separação do lixo. Outros aspectos são abordados adiante, como as férias.

Os problemas que emergem entre os japoneses e *nikkei* podem ser atribuídos ao fato de os imigrantes não entenderem ou estarem conscientes das diferenças de determinadas normas

⁶⁸ O termo *Nikkei* é utilizado, quando incluir os nipo-brasileiros e nipo-peruanos, que são os dois maiores grupos de imigrantes da América do Sul.

e valores, consideradas como óbvias pelos japoneses. Essa falta de percepção de ambos lados do valor que se agrega a essas normas e valores é um dos problemas contínuos entre os informantes imigrantes no Japão, ainda mais quando sentem vergonha de pedir informação, devido à expectativa de que os japoneses reagirão de forma negativa por serem consanguíneos. Ao mesmo tempo, observa-se que os japoneses não estão conscientes de que a reação de indagação ou desconfiança leva os imigrantes a terem uma atitude relutante em querer pedir informação, principalmente dos imigrantes nipo-brasileiros, que dominam o idioma japonês falado.

Como Tsuda (2003c: 104) constata-se nessa pesquisa resultados que sugerem que uma parte da sociedade também possui um determinado sentimento de compreensão ou afinidade com relação aos imigrantes nipo-brasileiros no Japão. É o caso de Fumiko, professora de japonês para estrangeiros:

Sra. Fumiko:⁶⁹

日系ブラジル人が日本に来て働く時、職場の人間関係や、労働に従事する時の心構え、日常生活での習慣の違いに戸惑うことが多いと思う。そのことによる種々の問題を、周りの人のアドバイスによって克服する必要があると思う。

Nikkei burajirujin ga nihon ni kite hataraku toki, shokuba no ningen kankei ya, rōdō ni jūji suru toki no kokorogamae, nichijō seikatsu de no shūkan no chigai ni tomadou koto ga ōi to omou. Sono koto ni yoru shuju no mondai wo, mawari no hito no adobaisu ni yotte kokufuku suru hitsuyō ga aru to omou.

Quando os nipo-brasileiros vêm para o Japão para trabalhar, eu acho que eles têm muitas vezes dificuldades de se relacionar com as outras pessoas no local de trabalho, devido às diferenças nas normas e valores com relação ao trabalho, eu também acho que, eles ficam perplexos com muitas diferenças de costumes da vida diária. Eu acho que é necessário, através da ajuda do conselho das pessoas em torno deles, que se dê assistência para que eles consigam superar esses tipos de problemas.

Esse tipo de percepção reflete um determinado senso de afinidade, e também de compreensão perante as diferenças culturais dos imigrantes nipo-brasileiros. A compreensão de que precisam de assistência no Japão para poderem lidar com as diferenças culturais em diferentes tipos de situações. Principalmente, por não compreenderem normas e valores consideradas como evidentes ou óbvias dentro da cultura japonesa.

⁶⁹ Professora de japonês para estrangeiros. Fumiko é japonesa e ensina o idioma japonês há quase 25 anos para estrangeiros.

3.2.4 O paradoxo da bagagem cultural

Nesse sentido, compreende-se que a experiência da migração do “retorno” tem como resultado a formação de uma nova minoria étnica no país dos antepassados, ou seja, a dos *imigrantes nikkei* (Weiner: 2009: xvi-xvii).⁷⁰ Esse status é muitas vezes agregado à bagagem cultural de se ter um outro passado histórico, sociocultural e econômico que os japoneses nascidos e crescidos no Japão. Embora os acadêmicos tenham constatado no caso da migração de “retorno” dos nipo-brasileiros que esse encontro étnico levou-os a enfatizar a identidade brasileira no Japão (Yamashita, 2001; Linger, 2001; Roth, 2002; Tsuda, 2003c, 2009), nota-se resultados distintos nas contradições das falas dos informantes. Esse aspecto ilustra o paradoxo da identidade não possuir *uma* origem histórica fixa e única, sobretudo, pelo fato de a identidade não ser uma essência, mas, um posicionamento, que pode variar com o contexto por ser uma entidade mutável e ambivalente. São essas peculiaridades culturais da identidade, que definem a identidade do ser humano, e que vêm à tona nas contradições e incoerências dos comentários feitos pelos entrevistados nesses estudos de caso.

É o caso de Sachiko, que enfatiza na sua entrevista a questão de os seus hábitos alimentares refletirem a influência da cultura brasileira “...em casa a gente sempre comeu o feijãozinho, com arroz, que nem brasileiro, e o tempero, uhm...é diferente né...”. No entanto, é visível, a influência da cultura japonesa na sua maneira de andar e vestir,⁷¹ mostrando características diferentes dos brasileiros da sua geração, sem descendência japonesa. Em outro momento, a sua filha comenta que Sachiko sempre insistiu no Brasil que os filhos casassem com japoneses,⁷² quer dizer, com descendentes de japoneses. São exatamente essas contradições culturais de Sachiko que mostram a construção da sua identidade cultural de ser nipo e brasileira. No seu caso observa-se a influência da cultura e da educação japonesa transmitida por seus pais no Brasil através do seu conhecimento de japonês e sua maneira de agir e pensar. A própria associação positiva que ela mantém da identidade japonesa da sua família se reflete no fato de enfatizar a escolha do parceiro japonês para os filhos. Sachiko não

⁷⁰ Weiner (2009) utiliza o termo *nikkei* por incluir as migrações de retorno dos descendentes de japoneses, sendo nesse caso os dois maiores grupos, os nipo-brasileiros e nipo-peruanos.

⁷¹ Sachiko já morava há 13 anos no Japão quando essa pesquisa iniciou. Nota-se que as suas roupas são as japonesas, vendidas nas lojas das redondezas.

⁷² No Brasil, os descendentes de japoneses, são identificados como sendo “japoneses”, por não haver uma diferença na linguagem popular na designação referente ao habitante do Japão, nascido nesse território, e ao descendente de japonês, nascido no território brasileiro (Lesser, 2007: xix).

é uma exceção⁷³ no Brasil no que diz respeito à escolha do parceiro japonês para os filhos. Essa preferência se reflete na associação positiva que se tem no Brasil da imagem e dos valores associados à identidade japonesa (Lesser, 2007). Existem afiliações distintas, que interagem de maneiras diferentes uns com os outros (Amartya Sen, 2006: xiv). O caso de Sachiko que mostra a preferência pela escolha do parceiro japonês para os filhos, enquanto ela mesma enfatiza os seus hábitos alimentares, que são elementos da cultura brasileira na identidade do imigrante.

Num processo migratório, costumes alimentícios possuem influência na construção e no senso identitário dos imigrantes, uma vez que eles mantêm vínculos com o país de emissão, e com essa identidade, através dessas práticas e costumes gastronômicos (Brightwell, 2010: 22; Linger, 2001). Essas práticas são exemplos concretos de como as identidades são compostas por elementos de culturas diferentes e que não precisam estar vinculadas, em especial, a um lugar. São essas contradições nas falas, que mostram que a construção da identidade dos nipo-brasileiros é uma entidade ambivalente, mutável e sem dúvida fragmentada por elementos de ambas culturas.

Ademais, nem sempre os elementos da bagagem cultural se manifestam num resultado positivo dentro da migração do “retorno”. Apesar de a maior parte dos estudos de casos mostrarem uma imagem e reação positiva da experiência no Japão, associada também aos vínculos com a cultura e a identidade japonesa, constata-se dois casos de parceiros nipo-brasileiros com uma imagem negativa. Esses dois exemplos ilustram uma percepção similar ao do resultado abordado por Tsuda (2003c, 2009). Apesar de ser uma minoria nesse trabalho, esses casos representam os imigrantes que dentro do fenômeno da migração de “retorno” se sentem marginalizados e que ao estarem em contato com os japoneses passam a enfatizar os elementos culturais associados à identidade brasileira.

3.2.5 A depreciação da identidade cultural japonesa

Fabiana Yokohama afirma ter vindo ao Japão apenas por motivos de ordem econômico-financeira. O fato de ser *sansei* é visto por ela como algo secundário. Fabiana Yokohama

⁷³ Durante a minha adolescência no Brasil no final dos anos 80 e início dos anos 90 inúmeros problemas mencionados no meu ciclo de amigos e conhecidos *nisei* era o fato de os pais não aceitarem o namoro dos filhos com um brasileiro sem descendência japonesa. Esse assunto era de vez em quando mencionado nos sábados, quando nos reuníamos após as aulas de japonês no *Nichigo gakkō*. De vez em quando se comentava sobre um amigo ou colega que tinha problemas em casa, porque os pais não permitiam o namoro com *burajirujin*. Um argumento dado pelas famílias era que os brasileiros sem descendência japonesa pensam de uma maneira diferente. Além disso associava-se valores positivos à identidade japonesa com relação ao trabalho e ao estudo.

migra para o Japão com o sonho de trabalhar por um ou dois anos a fim de economizar dinheiro para ter uma vida melhor no Brasil. Os seus planos, porém, tomaram um outro rumo ao conhecer o seu marido que é *nisei* e que já vivia há mais tempo no Japão. Dessa forma, Fabiana Yokohama prolonga a sua permanência no Japão por mais tempo, apesar das dificuldades que tem por não conseguir se adaptar ao Japão.

Mesmo após alguns anos no Japão, Fabiana Yokohama continua afirmando não sentir nenhuma afinidade com a cultura japonesa dos seus antepassados. Em um dos seus comentários ela menciona:

Sra. Fabiana Yokohama:⁷⁴

É... aqui no Japão eu me sinto totalmente brasileira e foi só aqui no Japão que eu vim aprender um pouco da cultura japonesa... mas eu jamais me senti 5% japonesa nem aqui e nem no Brasil. O problema é que no Brasil eles pensam porque a gente é descendente de japonês que a gente tem que ser igual a um japonês, como por exemplo na escola...é horrível... se você tira uma nota vermelha, os professores te perguntam... como é possível isso japonesa...uhm... porque no Brasil é assim, se a gente tirar nota vermelha na escola é porque tem alguma coisa de errada com a gente... porque a gente tem cara de japonês, e japonês é inteligente... mas eu sou brasileira, e agora aqui na fábrica, ah,...eu não sou que nem esse pessoal aí não.

No discurso de Fabiana Yokohama ela resente a sua identidade japonesa tanto no Brasil quanto no Japão. De forma geral, compreende-se que no Brasil a identidade japonesa é agregada aos nipo-brasileiros por uma grande parte dos outros brasileiros sem ascendência japonesa. Essa percepção é reforçada através da mídia, dos produtos comerciais e do desenvolvimento econômico e social desse grupo dentro da sociedade brasileira, onde é superior (Lesser, 2007: 14). De qualquer forma, o impacto desse contexto pode ter consequências positivas e/ou negativas para os nipo-brasileiros no Brasil. Neste caso, Fabiana resente a sua descendência japonesa. O fato de ter sido caçoada, dentro e fora da sala de aula, por ter dificuldades no ensino, fez com que se sentisse incompreendida durante a sua adolescência. Segundo o seu depoimento, esse tipo de acontecimento teve como resultado o fato de querer valorizar e enfatizar, mesmo no Brasil, a sua identidade cultural brasileira. Após encerrar o ensino médio, Fabiana migra com um propósito temporário para a terra dos seus antepassados a fim de trabalhar e juntar recursos financeiros para ter uma vida melhor no Brasil, sem muitas expectativas sobre o que a experiência migratória representaria para a sua identidade. Uma vez no Japão, Fabiana resente o impacto de a sua identidade ser interpretada

⁷⁴ Fabiana Yokohama é *sansei* e tinha na época da entrevista de 2003, 26 anos. Ela possui o ensino médio completo. Fabiana não mencionou nenhum momento se trabalhou no Brasil antes de vir para o Japão.

novamente de forma negativa. Contudo, dessa vez é a sua identidade cultural brasileira que é o problema:

Sra. Fabiana:

Quando eu vim... nem sei mais se foi em 96 ou em 97... nem sei mais direito...eu vim pra cá pra trabalhar e juntar um pouco... quando eu cheguei aqui, os japoneses não estavam acostumados com os estrangeiros,...daí eu percebia que eles ficavam andando atrás de mim...aqui no supermercado...Oh, por exemplo...no supermercado, os japoneses sempre leem os preços dos produtos quando eles digitam, mas quando a gente faz compras, e eles pensam que a gente não entende, então eles não falam e nem perguntam se a gente tem o cartão do supermercado, e nem leem os preços dos produtos como eles fazem para os japoneses....Ou às vezes quando você se senta no trem e eles não querem sentar do seu lado...os japoneses levantam... outra coisa... você não vê ninguém aqui andando de mãos dadas ou dando beijo, e se a gente faz isso... (risos) como eles não estão acostumados, eles ficam olhando pra gente de maneira estranha...como se isso não fosse normal...imagina só, andar de mãos dadas ou abraçados na rua aqui é estranho, e por causa disso eu já tive muita discussão com o meu marido, que mora aqui há mais tempo que eu, na verdade a gente se encontrou e casou aqui, e ele bem que quis me tratar assim, que nem as ex-namoradas dele que chegaram até a ser japonesas, mas eu não deixei, que isso.

O resultado da sua experiência dentro da migração de “retorno” é a depreciação da identidade cultural japonesa. O fato de falar, agir e se vestir diferente dos japoneses chamou a atenção negativa, estigmatizando-a publicamente como estrangeira. Apesar dos seus vínculos sanguíneos, esse desencontro étnico na sociedade japonesa levou-a se distanciar no Japão ainda mais da construção dos elementos da sua identidade japonesa.

De forma similar cita-se a migração de “retorno” dos descendentes de coreanos nascidos na China, conhecidos como coreanos-chineses, que na nas décadas de 1980 e 1990 migraram para a Coreia do Sul, a fim de atender a demanda do mercado de mão de obra não qualificada. Esse fluxo migratório de imigrantes coreanos-chineses também passou a enfatizar a identidade chinesa como reação à marginalização e à depreciação da identidade coreana-chinesa na sociedade da Coreia do Sul, que possui como o Japão, a noção de homogeneidade étnica (Song, 2009: 283).

Observa-se que no Japão os vínculos sanguíneos não são suficientes para se ser aceito na sociedade, apesar de serem suficientes para se obter o visto, trabalhar e viver como *dekasegi* no país, atendendo a demanda do mercado econômico japonês. Isso implica dizer, que enquanto essa demanda do mercado japonês durar, o governo japonês continuará aceitando esses tipos de trabalhadores no país. De forma geral, compreende-se que os *Nikkei* são quase exclusivamente aceitos para atender a demanda dos trabalhos de mão de obra não qualificada no Japão (Masters, 2009).

Fabiana explica a sua motivação no Japão como sendo estritamente econômico-financeira, não possuindo nenhuma intenção de permanecer no país, ou mesmo de aprender a cultura e a língua japonesa. Além disso, a reação negativa dos japoneses, por ser culturalmente diferente, faz com que reafirme ainda mais publicamente a identidade brasileira. Um resultado semelhante é constatado com o *sansei* Júlio. Em ambos os casos, a falta de conhecimento da língua e cultura, assim como da habilidade de se poder adaptar a esse contexto, tem como resultado a marginalização de ambos. A reação desses imigrantes torna-se visível ao passarem a valorizar publicamente os símbolos, normas e valores associados à identidade cultural brasileira. O contrassenso, porém, neste discurso é que esses imigrantes também enfatizam os vínculos com a identidade japonesa, de acordo com a situação, a fim de obterem os mesmos direitos dos consanguíneos quanto ao visto e à renovação do mesmo. Fabiana e Júlio são exemplos de imigrantes que fazem parte da migração de “retorno” para o Japão por um período de nove e seis anos. Apesar dos problemas e das percepções negativas de Fabiana e Júlio, nota-se que essa percepção não é a mesma para os seus parceiros.⁷⁵ Ambos cônjuges são *nisei*, e ao contrário dos seus companheiros, eles possuem um bom conhecimento do idioma japonês assim como da cultura.

3.2.6 O paradoxo da bagagem cultural através da religião japonesa

Entre os valores de uma bagagem cultural tem-se também a religião. Os depoimentos dos estudos de casos deixam claro que com exceção de Kimi e seus três filhos, todos os outros informantes são cristãos.⁷⁶ Esclareço que de forma geral os cônjuges brasileiros são católicos e duas famílias nipo-brasileiras são evangélicas. O interessante é que nenhum informante mencionou a prática da visita aos templos budistas ou santuários xintoístas nos feriados ou dias livres, ou mesmo de ter um pequeno altar em casa, comum no budismo. Esse aspecto mostra que a religião japonesa não exerce um papel importante na bagagem cultural da maior parte desses nipo-brasileiros.

A informante Kimi, que menciona ter vínculos com a identidade japonesa através da prática da religião japonesa conhecida como *Tenrikyō*, esclarece que a sua formação religiosa teve uma grande influência na construção da sua identidade por manter costumes e práticas

⁷⁵ Nas entrevistas, que são separadas, ambos companheiros tomam uma atitude reservada.

⁷⁶ Ressalto aqui, que com exceção dos cônjuges brasileiros, que são católicos, os outros nipo-brasileiros são cristãos, dado que não são batizados na igreja católica, nem fizeram a primeira comunhão ou são casados nessa igreja.

diferentes das religiões cristãs dominantes no Brasil. Essa bagagem cultural dá-se também pelo fato de o ensinamento da sua religião ser na maior parte feito através do idioma japonês falado e lido nas “missas” do *Tenrikyō*, independentemente de serem celebradas no Brasil. São exatamente esses tipos de práticas, que diferenciam os praticantes do *Tenrikyō* da maioria dos outros brasileiros, e que os levam a fortalecerem os vínculos com a construção da identidade japonesa.

Ao refletir sobre a sua decisão de “retorno” para o Japão, ela não expressa esse passo como sendo uma surpresa na sua vida.

Sra. Kimi:

Eu acho que a primeira vez que eu vim...foi em janeiro de 96 para a igreja em Nara. Eu tinha acabado de me formar e daí eu decidi vir para aprender mais sobre a minha religião (*Tenrikyō*), por exemplo... o que os meus pais foram fazer lá no Brasil como missionários... porque foram para o Brasil...a gente pratica (a religião) todo dia, mas não é que a gente entenda tudo né...e eu mesma nem conseguia explicar para os brasileiros que vinham lá em casa, porque a gente vivia assim... Os meus pais são missionários, e eu cresci lá dentro da Igreja, então é difícil explicar para os outros porque a gente mora do lado da igreja e como é que tem três famílias juntas morando numa casa grande eh... é difícil explicar a nossa mentalidade e por que a gente vive assim ... no Brasil né.⁷⁷

Por um lado, essa bagagem religiosa através da prática da religião *Tenrikyō* faz parte da construção da identidade japonesa de Kimi, exatamente por ser diferente das outras religiões no Brasil, onde a religião católica é predominante. Por outro lado, não é comum no Japão interpretar os vínculos com a religião e a sua prática como sendo um aspecto na construção da identidade japonesa, uma vez que os japoneses não afirmam a sua identidade japonesa através do Budismo ou Xintoísmo, ou mesmo através do *Tenrikyō*. No discurso da identidade japonesa interpreta-se raça, etnicidade e cultura como sendo os elementos que formam juntos a unidade do discurso da “homogeneidade” da identidade japonesa (Hogan, 2009: 34-54; Lie, 2003: 82-83; Weiner, 2009: xv). No entanto, para Kimi foi a estreita ligação com a sua religião japonesa no Brasil e a sua etnicidade que engendraram um espaço religioso e étnico cultural diferente dos brasileiros, que crescem, de forma geral, num ambiente totalmente diferente desse citado por Kimi. No seu caso a religião reforçou a construção da sua identidade japonesa no Brasil por manter normas, valores, rituais, costumes e tradições

⁷⁷ Kimi é *nisei*, mas por ser registrada no Japão é considerada pela lei como japonesa, ou seja, *issei*. No início da pesquisa tinha 31 anos. Ademais, ela possui o curso universitário na área de ciências biológicas, embora nunca tenha exercido a sua profissão no Brasil e no Japão.

associados à religião *Tenrikyō*⁷⁸ no Japão. Tal influência dá-se ao fato de os seus pais serem missionários japoneses e praticantes assíduos da religião *Tenrikyō*. Em virtude desse contexto Kimi praticou desde cedo o idioma japonês tanto na igreja quanto em casa, reforçando assim os seus vínculos com a cultura japonesa e com a terra dos seus antepassados, mesmo quando esses costumes refletem apenas práticas que correspondem a um determinado grupo de pessoas que seguem essa religião. Ao explicar o ambiente da casa em que viveu no Brasil, ela menciona só ter falado o idioma português com os irmãos e os outros membros mais novos das famílias, que também coabitavam essa casa, a qual era compartilhada por três famílias japonesas do *Tenrikyō*. Esse contexto cultural e religioso diferenciou Kimi dos outros nipo-brasileiros participantes desta pesquisa, ao se analisar a motivação para o “retorno”, uma vez que se compreende, que ela sempre soube que ela teria que ir ao Japão para estudar a sua religião em Tenri por alguns meses para compreender melhor a filosofia do ensinamento do *Tenrikyō*. O inesperado para ela foi o fato de ter decidido estender a sua permanência no Japão para trabalhar como *dekasegi* após a sua estada de um ano em Tenri. Essa decisão foi tomada em conjunto com o seu noivo, que havia passado a trabalhar como *dekasegi* numa outra região nesse mesmo período. Assim, após a festa do casamento e uma curta estada de um mês na casa dos pais do marido no Brasil, ambos regressam para o Japão com os planos iniciais de permanecer por um prazo de três anos para poder guardar o dinheiro necessário para construir a casa própria e montar o próprio negócio no Brasil. O “retorno” passa a ter nesse caso uma motivação de ordem econômico-financeira, e o fato de serem *nikkei* facilita e direciona esse movimento migratório.

3.2.7 A construção da identidade na percepção dos japoneses

De qualquer forma é exatamente o fato de os nipo-brasileiros terem esses vínculos consanguíneos com os japoneses que possibilita essa oportunidade de vida e de trabalho na terra dos ancestrais. Ao perguntar aos japoneses sobre a percepção que eles têm com relação à identidade dos nipo-brasileiros no Japão, tem-se os seguintes comentários:

日系ブラジル人の友人がいるが、生粋のブラジル人よりも親しみがもてる。

Nikkei burajirujin no yūjin ga iru ga, kissui no burajirujin yori mo shitashimi ga moteru.

⁷⁸ A igreja *Tenrikyō* no Brasil segue os costumes, tradições e diretrizes provenientes da Igreja matriz sediada na cidade de Tenri perto de Nara no Japão.

Eu tenho amigos nipo-brasileiros, e eu tenho o sentimento de que me familiarizo mais com eles, do que com os brasileiros sem descendência japonesa.

日系ブラジル人といえはすぐに移民の方々と頭に浮かびます。苦勞されて成功をおさめた人達です。

9の質問に関してですが、私に関して言えば、同邦という意識が何となくあります(顔つきは日本人であるせいか)

Kyū no shitsumon ni kanshite desu ga, watashi ni kanshite ieba, dōhō to iu ishiki ga nan to naku arimasu. (kaotsuki wa nihonjin de aru sei ka)

Nikkei burajirujin to ieba sugu ni imin no katagata to atama ni ukabimasu. Kurō sarete seikō wo osameta hitotachi desu.

Quando eu penso sobre os nipo-brasileiros, vêm na minha cabeça, quase imediatamente, os imigrantes. São pessoas que sofreram mas que venceram

No que diz respeito à pergunta número nove (da enquete), eu tenho a consciência de que eles são também conterrâneos. (talvez por causa da fisionomia japonesa).

No resultado ($N=56$) constatam-se dois focos em torno da percepção da construção da identidade dos imigrantes nipo-brasileiros. Por um lado, tem-se um total de $N=32$ japoneses que mencionam interpretar a identidade dos nipo-brasileiros como sendo ambígua, por outro lado, $N=23$ japoneses respondem interpretar a identidade desses imigrantes como sendo apenas brasileira, sendo que somente $N=1$ informante menciona vê-los como japoneses. Esse resultado dá uma indicação da probabilidade de como os japoneses interpretam a identidade dos imigrantes nipo-brasileiros no Japão, ou seja, como sendo nipo e brasileira, ou apenas brasileira.

Apesar de ser um resultado insignificante dentro dos parâmetros de uma pesquisa, observa-se na interpretação dos informantes japoneses a predominância desses dois resultados. Isso indica também o paradoxo em torno da identidade desses imigrantes, como sendo algo ambíguo, mesmo para os japoneses. Numa entrevista esse aspecto ambíguo da identidade dos nipo-brasileiros é explicado da seguinte maneira:

同じ日本人と言う印象なので、外国人という認識はありません。日系アメリカ人も同義です。

Onaji nihonjin to iu inshō na node, gaikokujin to iu ninshiki wa arimasen. Nikkei amerikajin mo dōgi desu.

Eu tenho a impressão de que eles [nipo-brasileiros] também são japoneses. Eu não tenho a impressão de que eles são estrangeiros. Isso também é a mesma situação para os nipo-americanos.

Constata-se neste trecho que o paradoxo da identidade dos nipo-brasileiros é refletido nesse trecho inconscientemente, ao se afirmar que: “Eu tenho a impressão de que eles [nipo-brasileiros] também são japoneses.”

De acordo com os informantes japoneses compreende-se que uma parte da sociedade sente uma determinada afinidade com os nipo-brasileiros pelo fato de compartilharem da mesma origem. Antes de mais nada, pode-se dizer que o fato de serem *nikkei*, independentemente do lugar onde tenham nascido, é considerado um aspecto importante para a sociedade japonesa, como se nota na interpretação do fragmento da entrevista acima ilustrada, quando o informante compara os nipo-brasileiros com os nipo-americanos, com os quais compartilham um sentimento de afinidade por causa da origem.

Nessa estrutura conceitual configura-se que as opções dos elementos que formam a identidade do nipo-brasileiro envolvem essas duas culturas, mostrando a ambiguidade dessa entidade dinâmica de se ter elementos que refletem tanto a identidade japonesa quanto a brasileira. Apesar de se compreender a existência desse aspecto dinâmico da identidade dos nipo-brasileiros, Takenaka (2009: 261) afirma haver diferenças entre a construção da identidade dos nipo-brasileiros e nipo-peruanos no Japão. Segundo Takenaka os nipo-brasileiros expressam a identidade brasileira no Japão através dos símbolos que os identificam com a identidade nacional brasileira, enquanto os nipo-peruanos são mais ambivalentes, ou seja, a identidade nipo-peruana não é nem peruana e nem japonesa, dado que eles enfatizam o aspecto de se ser *nikkei*. Ao contrário da constatação de Takenaka observa-se nesta pesquisa que os nipo-brasileiros ($N=66$) também enfatizam o aspecto ambivalente da identidade de serem *nikkei*. Apesar da experiência de vida no Japão ter como resultado o fato de terem se conscientizado dos elementos que eles possuem da identidade brasileira, isso não quer dizer que os nipo-brasileiros tenham passado de forma generalizada a enfatizar a identidade brasileira no Japão.

3.2.8 Questionando a afinidade

Em outras entrevistas, nota-se que os respondentes japoneses desviaram o tema da pergunta, com relação à identidade do imigrante nipo-brasileiro. No entanto, alguns informantes optaram por comentar o aspecto de se ter uma imagem positiva da identidade nipo-brasileira, a qual está relacionada com o fato de serem filhos de emigrantes japoneses, que integraram nas outras sociedades no além-mar.

日系一世は非常に努力し、ブラジル社会に溶け込んだと認識している。直接、日系ブラジル人の方知らない為、質問にこたえられないところがありましたが、悪いイメージ等はなく、どちらかと言えば良い印象です。

Nikkei issei wa hijō ni doryoku shi, burajiru shakai ni tokekonda to ninshiki shite iru. Chokusetsu, nikkei burajirujin no kata shiranai tame, shitsumon ni kotaerarenai tokoro ga arimashita ga, warui imēji nado wa naku, dochira ka to ieba yoi inshō desu.

Eu tenho a impressão de que a primeira geração de japoneses se empenhou extraordinariamente, e que eles integraram na sociedade brasileira.

Como eu não conheço nenhum nipo-brasileiro, tem perguntas em que eu não estou em condições de responder, mas se eu posso dizer algo, então, eu não tenho assim uma imagem ruim, e sim uma percepção positiva dos nipo-brasileiros.

Por um lado, esse cenário confirma mais uma vez afinidade que existe por compartilharem de uma origem comum. Por outro lado, constata-se na pesquisa que para os japoneses o tema da migração de “retorno” não é um assunto considerado importante entre eles, sobretudo, entre os que não lidam diretamente com nipo-brasileiros. É comum notar nas entrevistas ou conversas informais com os meus próprios conhecidos japoneses no Japão que, de forma geral, eles evitam dar maiores informações sobre esse tema, por não acharem esse assunto importante. Ao perguntar o porquê, nota-se a seguinte reação de um informante japonês:

今の日本人の最大の興味は、北朝鮮、韓国、中国です。マスコミの報道も偏っており、日系ブラジル人について考えている人はいないのでは？

Ima no nihonjin no saidai no kyōmi wa, kitachōsen, kankoku, chūgoku desu. Masukomi no hōdō mo katayotte ori, nikkei burajirujin ni tsuite kangaete iru hito wa inai no de wa?

A maior parte dos japoneses tem interesse na Coreia do Norte, na Coreia do Sul e na China. Assim, como as notícias da mídia também se direcionam mais para esses países, então será que há pessoas que pensam sobre os nipo-brasileiros?

A migração de “retorno” dos nipo-brasileiros é dentro desse contexto um assunto ao qual esse informante e outros afirmam ser indiferentes. O que mostra uma falta de empatia, interesse e conscientização dos japoneses perante os consanguíneos *nikkei* que vivem no Japão.

De qualquer forma nota-se que no Japão a identidade desses imigrantes *nikkei* torna-se um aspecto ou assunto relevante, na medida em que são os trabalhadores que substituem os trabalhadores ilegais, que representam uma “ameaça” social e cultural ao mito da “homogeneidade racial” mantido no país. Apesar de existir uma determinada afinidade dos japoneses com relação aos consanguíneos, nota-se que predomina ao mesmo tempo uma falta

de interesse perante esses imigrantes na sociedade. Ora, pode-se dizer afinal que a importância desses imigrantes para o país é a econômico-financeira, dado que eles atendem à demanda de trabalhos de mão de obra não qualificada que muitos japoneses deixaram ou não querem realizar.

Naturalmente, o fato de a maior parte desses imigrantes não dominar o idioma japonês, sobretudo o escrito, é um obstáculo para que eles possam conseguir melhorar de trabalho e de vida no Japão. A pergunta é se a perspectiva de mobilidade social se refletirá no futuro entre os filhos desses consanguíneos, que compartilham da origem japonesa e que dominam o idioma japonês, uma vez que há pouco interesse público sobre as necessidades, os problemas e o desenvolvimento desse grupo de imigrantes que realizam os trabalhos de mão de obra não qualificada.

De qualquer forma constata-se entre vários informantes, que o tema da migração de “retorno” dos nipo-brasileiros é raramente difundido entre eles no Japão. O foco das conversas com os informantes japoneses ao se falar sobre migração é geralmente em torno dos coreanos ou chineses. Como é o caso do fragmento seguinte:

日系の韓国人や中国人に比べて認知度が低く、その存在が語られること自体が少ないと感じます。日系ブラジル人の方が近くにいないので、感想が難しいです。

Nikkei no kankokujin ya chūgokujin ni kurabete ninchido ga hikuku, sono sonzai ga katarareru koto jitai ga sukunai to kanjimasu.

Nikkei burajirujin no kata ga chikaku ni inai node, kansō ga muzukashii desu.

Eu tenho a impressão de que se tem pouco conhecimento dos nipo-brasileiros se compararmos com os nipo-coreanos e nipo-chineses e de que, em si se fala pouco sobre a existência deles (nipo-brasileiros).

Como eu não tenho nenhum conhecido nipo-brasileiro é difícil dar a minha opinião.

Ao se referirem aos imigrantes, nota-se que o interesse ou conhecimento de alguns japoneses é maior perante a presença e o tema em torno dos descendentes de japoneses nascidos na Coreia e China.

Nota-se que a importância dos imigrantes *nikkei* se restringe em grande parte ao fato de serem os trabalhadores desejáveis para se evitar a presença de outros grupos étnicos e ilegais, que representam uma ameaça à ordem social e ao mito da “homogeneidade racial”, apesar de se constatar nas notícias do canal de televisão da *NHK* que os imigrantes *nikkei* passam a ser notícia no Japão quando constituem um problema social como os roubos das peças de carro e separação do lixo no Japão. Com exceção desses temas pouco se sabe ou se difunde sobre a

presença e a vida desses imigrantes *nikkei* no país. Todavia, com o início da crise econômica mundial em 2008, esses trabalhadores passam a se tornar visíveis nas notícias tanto no Japão quanto no exterior (Fackler, 2009; Masters 2009; Tabuchi 2009). Em consequência da diminuição na demanda de produtos manufaturados no Japão e no exterior, muitos imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos perdem os trabalhos (Akashi e Kobayashi, 2010: 7-8). O governo nacional responde a essa situação econômica e social, através da implementação de um plano. A solução para esse problema de desemprego dos consanguíneos nipo-brasileiros e nipo-peruanos se reflete na locomoção do problema do Japão para a América do Sul. Assim o governo japonês oferece o pagamento de 3,000 dólares por adulto e 2,000 dólares por dependente, caso aceitem regressar para os países de emissão apenas com a passagem de ida, perdendo assim todos direitos de retornarem para trabalhar no Japão, até o governo japonês resolver o contrário (Ministério da Saúde, Trabalho e Previdência Social, 2009). Ora, pode-se dizer que a afinidade com os consanguíneos se traduz literalmente no pagamento da passagem para que regressem com as suas famílias para os seus países de emissão, independentemente da situação escolar da segunda geração de imigrantes, que muitas vezes é a japonesa. Essa política não é vista apenas no Japão, uma vez que a Espanha também adotou medidas similares com relação aos imigrantes consanguíneos provenientes da América do Sul (MacCabe, Yi-Ying Lin e Tanaka, 2009).

De qualquer forma, torna-se visível nessa época a falta de uma política de governo no Japão que vise aos direitos desses trabalhadores consanguíneos, que são possuem o direito de trabalhar e viver no país dos seus ancestrais.

3.3 As estruturas de apoio na migração de “retorno” em Kandatsu

As empreiteiras são de forma geral uma estrutura de apoio para os imigrantes *nikkei* no Japão, as quais atuam de forma similar em todas as áreas no Japão, independentemente de se tratar de uma área onde se tem uma concentração alta ou média de imigrantes, diferente dos núcleos étnicos, onde existe toda uma estrutura de apoio em torno dos imigrantes provenientes do Brasil, com escolas brasileiras, bancos, associações, festas de carnaval, etc. Nesta área há apenas dois estabelecimentos comerciais brasileiros.⁷⁹ Nestes dois pontos comerciais pequenos se vendem produtos alimentícios brasileiros, jornais,⁸⁰ revistas, e há também

⁷⁹ Ambos pontos comerciais fecharam no decorrer dos anos.

⁸⁰ Trata-se aqui de jornais editados em língua portuguesa e espanhola, que atendem especificamente o público nipo-brasileiro, brasileiro e nipo-peruano no país.

locadoras de vídeos e DVD e lanchonete. Esses dois pontos são muito visitados, tanto pelos imigrantes da área e das áreas vizinhas, como também pelos recém-chegados, que buscam informações sobre trabalho, escola, creche, etc.⁸¹ De forma geral, o público que frequenta esses dois estabelecimentos comerciais são na maioria nipo-brasileiros.

No decorrer da pesquisa nota-se que um dos dois estabelecimentos também passou a atuar como um espaço étnico para um grupo composto exclusivamente por mulheres nipo-brasileiras casadas, as quais se reúnem neste local em busca de contato social e troca de informações sobre assuntos relativos à vida cotidiana do imigrante nesta área. Tais constatações mostram que esses tipos de estabelecimentos étnicos possuem uma função que ultrapassa os fins comerciais, dado que atuam e interagem simultaneamente como uma estrutura social e informal entre os imigrantes.

3.3.1 O papel das empreiteiras e o trabalho

Ao se procurar serviço observa-se que as redes de contato dos nipo-brasileiros são de forma geral através das empreiteiras. Isso inclui os imigrantes recém-chegados, os imigrantes que já moram há anos, sem contratos fixos e os que já moram no Japão e se ausentaram do país por um período de tempo.

Sra. Fabiana e Sr. Celso Yokohama:

Quem tem contato com a gente na verdade são as empreiteiras... Bom, quando eu cheguei aqui eu procurei a empreiteira...e o pessoal lá arranjou serviço pra mim...A gente preenche uma ficha, um cadastro, diz se sabe falar japonês ou não, e eles procuram os serviços pra gente...e é a empreiteira que arranja tudo quando a gente consegue o trabalho... mas a gente também procura trabalho pelo jornal, ou por revistas...e aí...contata as empreiteiras...o pessoal muda muito aqui e mesmo de uma região para outra, porque todo mundo segue o trabalho onde paga mais no Japão... e outra coisa, o pessoal olha quanto paga por hora direto e se dá pra fazer muita hora extra...a realidade aqui é assim...no meu caso eu posso dizer que... aqui se dá a gente faz bastante horas de trabalho.. eu já cheguei a trabalhar das seis e ia até às 21:00 e 22:00 da noite...e noutro dia a gente levanta cedo pra ir trabalhar... agora todo mundo procura um trabalho que paga mais, ou que tenha *zangyō*, mesmo sendo pesado porque que guardar para ir embora.

O papel das empreiteiras é proeminente entre os imigrantes nos primeiros anos, assim como também entre aqueles que dominam ou não o idioma japonês, por dependerem da assistência de pessoas como *tantōsha* para conseguir arranjar trabalho.

⁸¹ Durante o trabalho de campo esses dois pontos comerciais foram uma fonte de informação com relação à migração nipo-brasileira nessa área. Através dos empreendedores fui apresentada a inúmeros imigrantes, assim como também adquirei informações adicionais sobre as creches e escolas brasileiras acessíveis nas redondezas.

Os *tantōsha* que trabalham na área de Kandatsu e arredores são na maioria nipo-brasileiros fluentes no idioma português e japonês. Alguns deles também falam “espanhol”, apesar de falarem mais uma mistura de português com espanhol, para poder atender aos imigrantes nipo-bolivianos e nipo-peruanos,⁸² que ligam à procura de serviço, ou que trabalham por alguns meses nessa área. Logo, as empreiteiras intervêm entre as empresas japonesas e os imigrantes, dando assistência com relação ao trabalho, moradia, documentação, etc. (Roth, 2002: 66). As empresas japonesas utilizam o trabalho terceirizado das empreiteiras, por buscarem sobretudo trabalhadores temporários e flexíveis, que atendam à demanda do mercado do momento.

Assim, é comum notar, de forma geral, entre os imigrantes *nikkei* as mudanças de trabalho no decorrer dos anos. Um exemplo é o caso de Nori, quando conta sobre a sua experiência como trabalhador *dekasegi*.

Sr. Nori:

Quando eu cheguei eu fazia... *imono* (鑄物= fundição) que é um trabalho que paga bem, porque é para as fábricas de peças de carro, ...isso é trabalho com aço derretido, é pesado e lá houve um pouco desse tratamento esquisito...assim, tem japonês que têm medo... assim esses caras têm muito estudo, mas tem medo de competição... Eu sempre fiz amizade com todo mundo, mas você tem um pouquinho de receio, de confiar desconfiando...com o tempo o serviço nessa fábrica acabou, e eu já estava pensando em mudar... pois eu tinha muita dor nas costas. Eu aguentei porque pagava bem... Eu trabalhei lá por dois anos e um pouco. Daí eu saí para trabalhar na Hitachi pairu. A empresa fazia essas palafitas para uma construção civil. Eu gostei de lá, mas saiu um boato de que ia dar *kubi* ...que eles talvez fossem me cortar, porque não estavam indo bem...Daí eu já saí antes de eles me cortarem. Eu tenho família, por isso eu não posso tomar esse risco.

Depois desse trabalho eu fui para um lugar onde se fazia peça de computador. Eu fazia as peças mesmo. Era bom... mas eles estavam indo para a China. Lá eu fiquei dois anos. Eu abria e fechava a *kaisha* (fábrica). Daí eles me mandaram descansar, mas eu tenho família e não dava né!... eu deixei bons amigos lá. O chefe era gente boa... mas dá serviço fixo pra nipo-brasileiro que eles nem sabe se vai ficar.

Essas mudanças de serviços são comuns entre os imigrantes no Japão. Um aspecto comum na primeira década do século XXI foi o fato de empresas japonesas terem fechado as suas portas no Japão para abrir na China, onde a mão de obra é mais barata em comparação com o Japão. Inúmeros imigrantes citam esse aspecto como sendo um dos fatores por terem perdido ou mudado de serviço. Um outro aspecto comum nas entrevistas dos homens é o fato de determinados serviços serem muito pesados, como é o caso dos que trabalham em

⁸² De acordo com dois *tantōsha*, responsáveis e que possuem os dados dos imigrantes de Kandatsu e redondezas, o número de imigrantes nipo-peruanos e nipo-bolivianos é muito baixo nos dados que eles possuem, sendo assim exceções.

fundição. Apesar de mencionarem que esse tipo de serviço pague bem, poucos são os informantes homens que aguentaram trabalhar com fundição por mais de três anos, sem terem problemas de saúde.

Entende-se que antes da crise mundial de 2008 ter iniciado, muitos informantes conseguiam facilmente outros serviços temporários, independentemente de já terem passado a notar uma determinada queda nas ofertas de trabalho que eram de forma geral oferecidas para o *haken shain* (trabalhador contratado pela empreiteira) ou *dekasegi*. A mudança drástica nesse quadro ocorre com a crise econômica mundial em 2008, quando se torna visível a posição vulnerável dos *dekasegi* como trabalhadores, por serem estritamente inseridos para atender à demanda do mercado de trabalho de mão de obra não qualificada e temporária. À medida que essa demanda pelos trabalhos manufaturados diminui, as empresas passam a cortar esses trabalhadores nas fábricas.⁸³

Segundo as notícias, o parlamento japonês passou a discutir uma Reforma na Lei Trabalhista e possíveis mudanças nas formas de contrato para o *haken shain* (*IPC Press, da IPC digital*).⁸⁴ Apesar de esse debate ocorrer no Japão, não há um sinal real de mudança nesse sistema. Os próprios *tantōsha* não acreditam que esse processo ocorra tão rápido, dado que muitas fábricas japonesas preferem os trabalhadores flexíveis e temporários por causa das flutuações no ciclo da economia. Exatamente por causa da característica temporária desses trabalhadores e dos problemas em torno da economia tem-se também uma migração interna dinâmica, dado que esses trabalhadores estão continuamente à procura de trabalhos, até mesmo em outras regiões no Japão, como é o caso da maior parte das famílias entrevistadas nesta pesquisa. A busca contínua por trabalhos que paguem melhor por hora para poder guardar o mais rápido possível a quantia estipulada para o regresso ao Brasil, torna-se visível nos relatos dos imigrantes, quando contam sobre as suas experiências de trabalho nas mais diversas regiões e cidades no país.

3.3.2 A procura de trabalho e a migração interna

Ao se referirem às mudanças de trabalho, a grande maioria explica ter procurado e achado serviço através das advertências nos jornais, como *Tudo bem, International Press*, mas

⁸³ Em comparação com os trabalhadores japoneses compreende-se que a proporção de imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos demitidos em decorrência da crise econômica mundial foi sem dúvida maior, sobretudo, nas áreas industriais caracterizadas pela concentração desses núcleos étnicos (Masters, 2009).

⁸⁴ *IPC Press* é um dos jornais escrito em português, o qual serve a comunidade brasileira e nipo-brasileira no Japão. Essa notícia foi publicada na rede do jornal no dia 27 de maio de 2010, <http://www.ipcdigital.com/br>.

sobretudo através de conhecidos ou familiares. De acordo com os relatos a questão da instabilidade econômica é um fator importante para o movimento migratório interno no Japão. Apesar de Kandatsu ser uma área menos industrializada, a maioria dos informantes menciona ter tido no passado oportunidades de trabalho melhores nessa área.

Sra. Shirlayna:

Quando eu saí lá do Brasil pra vir pra onde meu marido estava, que era lá pra Kyōto... e lá a gente ficou trabalhando por um tempo, mas quando a gente sabe que em outro lugar paga melhor... a gente liga e vai à procura de serviço em outra região, e assim que eu fui mudando de um lugar pro outro no Japão até chegar aqui.

De forma geral, compreende-se que a migração interna também é facilitada pelas empreiteiras, por serem responsáveis por esses tipos de trabalhos temporários oferecidos aos *dekasegi*. Uma vez que os imigrantes se mudam para essa área por saberem que há vagas de trabalho em determinadas fábricas nas redondezas, eles simplesmente entram em contato com os *tantōsha*, que os auxiliam com os documentos, moradia, escola para os filhos, etc. Apesar de se compreender na migração de “retorno” que a motivação que impulsiona esse movimento migratório é na maior parte dos casos estritamente econômico-financeira, nota-se com o decorrer do tempo que a formação das famílias passa a pressionar essas mudanças contínuas de uma cidade para outra, principalmente, após os filhos terem entrado nas escolas e terem feito amizades.

Sra. Mariko:⁸⁵

A gente já mudou várias vezes de região no Japão, inclusive agora... uma vez ou outra a gente diz né, ah! vamos mudar de cidade né... a gente já está tanto tempo aqui, daí ele (filho) diz: não mãe,... eu já sofri tanto na escola e agora que eu tenho os meus amigos, as minhas amizades vai me tirar daqui pra começar tudo de novo... ele quer ficar aqui mesmo.

Outros imigrantes mencionam terem preferido permanecer nessa área, após tantas mudanças, por ser mais tranquila e barata, ou por notarem também a possibilidade de conseguirem obter o trabalho permanente, onde estavam trabalhando temporariamente. Mesmo os cônjuges brasileiros que não possuem familiaridade com o Japão afirmam sentirem uma determinada tranquilidade nessa área, embora não dominem o idioma japonês e tenham determinados

⁸⁵ Mariko é sansei, casada com Simão, e mãe de dois filhos no Japão. Na época da primeira entrevista tinha entre 30 e 35 anos de idade. Ela possui apenas o ensino médio completo. No caso de sua família, a filha migra depois dos pais por estar cursando o ensino fundamental no Brasil. O filho mais novo migra junto com os pais, por ser pequeno e não estar na escola.

empecilhos na vida diária por não conseguirem se comunicar propriamente, dependendo assim dos seus companheiros.

3.3.3 O idioma e o trabalho

De acordo com os relatos, a maior parte dos informantes afirma ter aprendido a falar ou “se virar” no idioma japonês no Japão. No entretanto, poucas são as exceções dos informantes que possuem o interesse de estudar o idioma japonês através de um curso, por terem o problema da falta de tempo e/ou mesmo por terem que investir por si próprios nos custos do aprendizado da língua.

Apenas alguns informantes já dominavam o idioma japonês quando chegaram ao país. Esses são os casos dos *nisei* que mencionam ter aprendido o idioma japonês no Brasil, quando estudaram em escolinhas de aula japonesa, e/ou por falarem o idioma desde pequeno em casa com os pais. Já os *sansei* aparentam terem sido menos confrontados com o aprendizado da língua japonesa no Brasil. Assim, observa-se entre os *sansei* um resultado mais diversificado, onde apenas alguns falam o idioma fluentemente, enquanto outros possuem um conhecimento mínimo. Entre os cônjuges brasileiros nota-se que esse conhecimento é ainda mais restrito. De forma geral, eles possuem pouco conhecimento do idioma japonês, apesar de viverem há vários anos no país. De acordo com os acadêmicos é importante considerar que o idioma japonês⁸⁶ representa uma das maiores barreiras culturais no Japão para os nipo-brasileiros (Tsuda, 2003a: 125), assim como para outros imigrantes (Linger, 2001: 67).

De qualquer forma, falar o idioma japonês não é o maior problema desses imigrantes.

Sra. Ema:

As senhoras com quem eu trabalho agora me veem como japonesa...elas falam assim...que eles nem sentem que eu sou brasileira, mas sempre, de falar assim né... dizem que eles veem que eu falo fluente, mas... sempre tem coisas que eu não entendo ou às vezes que eu não consigo falar...até hoje a japonesa falou isso pra mim né lá na fábrica...porque tem coisas que eu não sei ler em kanji né,...daí às vezes eu pergunto... uma coisa pra elas que eu não entendo... aí essa japonesa disse pra mim:

...ah, dá uma lidazinha aí... que você vai entender né...

Daí... eu fiquei olhando... e aí ela ficou até sem jeito...porque aí é que ela se tocou né que eu não sei ler kanji direito...Aí ela pediu desculpa... e disse que ela até esquece que eu não sei ler né, porque a gente fica conversando assim... e até esquece ...porque ela diz que eu não tenho sotaque.

⁸⁶ O idioma japonês é composto por *Hiragana* (46 caracteres) *Katakana* (46 caracteres) e *Kanji* (caracteres ou ideogramas). No Japão aprende-se durante o ensino básico e médio o *jōyō kanji* que equivale a um total de 1,945 ideogramas. Esse nível de conhecimento é necessário para que se possa preencher formulários, ler jornais, revistas, etc. Para os informantes a dificuldade maior é de aprender o idioma japonês escrito.

Apenas a metade dos informantes possui uma fluência semelhante à de Ema, que é *sansei*. Sem dúvida o maior problema constatado entre esses imigrantes é a escrita e leitura dos caracteres na língua japonesa. Essa é uma dificuldade comum entre eles, apesar de haver algumas exceções nesta pesquisa.

Segundo os relatos essa falta de conhecimento faz com eles se sintam como analfabetos perante os japoneses no Japão. Dois exemplos dessa situação são os seguintes casos:

Sra. Silvana Yamada:

Aqui também tem a questão da língua. O próprio nativo não sabe falar outro idioma do que o japonês e o brasileiro não domina tanta coisa e se sente como um analfabeto, ...mas um analfabeto que sabe se virar bem.

Sr. Takamichi:⁸⁷

Eu vim a trabalho para o Japão, mas assim como muitos brasileiros, eu sou analfabeto no Japão. Eu não leio e não escrevo japonês. Eu falo, mas eu me considero um cego. E a minha mulher (*sansei*) é pior ainda, porque ela é muda, surda e cega. Ela não entende nada de japonês e prefere voltar para o Brasil.

A interpretação de “analfabeto” utilizada pelos informantes está exclusivamente relacionada ao fato de não escreverem ou lerem o idioma japonês adequadamente. Através dos relatos de Ema, Takamichi e Silvana compreende-se que apesar de falarem o idioma japonês, a escrita e a leitura de caracteres é um problema para eles na vida cotidiana. De acordo com os dados da pesquisa Moorehead (2010:5) tem-se um quadro similar entre os imigrantes nipo-peruanos no Japão, que mostram um conhecimento moderado ou mínimo do idioma japonês falado e escrito.

O resultado dessa falta de conhecimento do idioma japonês faz com que esses imigrantes precisem do auxílio de outras pessoas, tornando-os conseqüentemente dependentes dos contatos com os *tantōsha* das empreiteiras, ou dos conhecidos e familiares que dominam o idioma. Esses exemplos acima ilustram o problema em torno da questão do idioma dos imigrantes nipo-brasileiros e nipo-peruanos no Japão, que lidam continuamente com a situação de desconhecerem ou não dominarem a escrita, devido às dificuldades em torno do aprendizado dos caracteres (Linger, 2001). Então, embora a maior parte dos participantes desta pesquisa fale o idioma japonês, são poucos os que dominam a escrita e a leitura dos

⁸⁷ Takamichi é *nisei* e tinha na entrevista entre os 35 e 40 anos. Ele é formado na área de administração e direito no Brasil. Takamichi foi transferido para o Japão para atender o público nipo-brasileiro no Japão, onde é casado com uma *sansei*, e tem dois filhos. Dessa forma contribui-se com sua percepção no quadro das entrevistas avulsas por mostrar problemas similares aos dos outros imigrantes com relação à adaptação em torno do problema do idioma japonês.

caracteres. Tal constatação também se reflete no resultado da enquete. Assim na pesquisa quantitativa tem-se evidências que mostram indicações sobre o problema em torno dessa questão, quando se constata que dos ($N=170$) entrevistados, ou seja, do total das enquetes ($N=140$) mais os respondentes das famílias dos estudos de casos ($N=30$), apenas dois informantes estão aptos a ler o jornal escrito em japonês. Mesmo entre os que leem caracteres, nota-se que eles também afirmam ter muita dificuldade, e que por essa razão não possuem nenhum interesse em comprar o jornal para ler.

Ema explica que e muitos outros nipo-brasileiros, não leem e escrevem o idioma japonês, mas que eles pegam os jornais ou propagandas para ver onde estão as promoções nos supermercados. À primeira vista é interessante notar que o imigrante sabe exatamente quais são os jornais ou as propagandas que eles precisam pegar para ver onde estão as promoções.

Sra. Ema

Aqui muita gente só pega o jornal ou as propagandas, mesmo sem saber ler, para pegar os cupons que dêem desconto no supermercado, o preço todo mundo entende né, e é assim que a gente faz.

De acordo com alguns informantes e os dois *tantōsha*, o obstáculo da língua passa a ser um problema para eles conseguirem trabalhos, quando há queda de serviços temporários. Entende-se que por muito tempo não se exigiu nos serviços temporários que os trabalhadores tivessem um determinado conhecimento do idioma japonês, porém essa situação passa a mudar em decorrência da crise mundial, mesmo para os que buscam trabalhos de mão de obra não qualificada. Apesar disso, é notável entre muitos nipo-brasileiros, que não falam bem o idioma, a falta de motivação com relação ao aprendizado da língua japonesa.

Sr. Kazuaki⁸⁸ que é *tantōsha* e responsável no trabalho por cerca de 220 empregados explica que é muito difícil determinar qual é a motivação que leva os trabalhadores a querer aprender o idioma, embora trabalhe há mais de 10 anos nessa função para a empreiteira, assintindo os imigrantes nipo-brasileiros, brasileiros, assim como outros grupos de imigrantes, que estão sob a sua responsabilidade:

⁸⁸ Kazuaki é nisei e tem a idade na faixa de 35 a 40 anos. Ele é casado como uma nipo-brasileira, também nisei. Eles não têm filhos. A sua contribuição na pesquisa é no quadro das entrevistas avulsas e pelo fato de ter dados exatos sobre o número de imigrantes nessa área. Ademais a sua contribuição é importante por providenciar informações extras sobre os aspectos importantes com relação à migração interna nessa área.

Sr. Kazuaki:

Aqui tem de tudo nas fábricas, mas é impressionante ver aqui ...que tem brasileiro que nem de filho de japonês é, e que chega aqui, aprende o idioma e a cultura, e se vira... e acaba conseguindo trabalho melhor porque aprendeu a lidar com a língua...desses caras eu fico impressionado, porque têm tanta gente, que é filho de japonês, mas que só sabe reclamar no ouvido da gente, e pior ainda que não aprende nada da língua, e já está aqui todos esses anos... até os filipinos e chineses que chegaram a trabalhar com a gente se viram mais rápido em aprender a língua.

Então, qual é a motivação que leva os imigrantes a aprender o idioma japonês? Apesar dos empecilhos que alguns possuem por não poderem se comunicar adequadamente, nota-se que em nenhum momento esses imigrantes mencionam querer ir de fato estudar o idioma. Roth (2002: 9) também constata na sua pesquisa que ao contrário dos *nikkei*, outros imigrantes asiáticos que se encontravam numa situação ilegal no Japão, se desempenharam em assimilar a cultura e a língua japonesa.

Sem dúvida, nota-se nos resultados que os nipo-brasileiros que possuem um bom conhecimento do idioma e que sabem lidar com a cultura japonesa são geralmente os que conseguem obter melhores trabalhos. Apesar de se constatar também que nem todos esses informantes que se adaptaram ao Japão, e que possuem o contrato fixo, pensam em se enraizar definitivamente no país.

De fato, também se nota na pesquisa que os imigrantes nipo-brasileiros que não procuram aprender a língua japonesa são geralmente os que apresentam menos mudanças de melhoras de trabalho e de vida no Japão. As exceções nesse contexto são os imigrantes empreendedores, que lidam quase exclusivamente com os imigrantes no Japão. De forma geral nota-se que o número de imigrantes, mesmo nesta área, que depende das empreiteiras é alto. Apesar de se notar gradativamente no decorrer dos sete anos de pesquisa que a maior parte dos informantes do quadro fixo conseguiu o contrato por tempo indeterminado. Isso implica dizer que esses trabalhadores não trabalham mais pelas empreiteiras.

De qualquer forma, enquanto os *tantōsha* intermediarem entre os japoneses e nipo-brasileiros, a probabilidade desses imigrantes não assimilarem a cultura e a língua japonesa será maior. Isso porque os *tantōsha* não apenas auxiliam esses empregados em questões interligadas ao trabalho, mas também com relação à saúde, e ao ensino dos filhos desses imigrantes.

3.3.4 Saúde e reuniões escolares

Assim não são raras as vezes que os *tantōsha* são chamados para acompanhar o funcionário que está doente na sua visita ao hospital. Essa é uma questão difícil, principalmente quando se constata algo mais grave com esse trabalhador.

Nota-se, nessas circunstâncias, que mesmo entre os informantes fixos que vieram a ter problemas graves de saúde alguns deles preferiram regressar para o Brasil para fazer o tratamento. É o caso dos informantes com problemas psicológicos, ou com problemas de saúde cujas causas não se conseguiu constatar. Estes tiveram um regresso repentino e temporário para o Brasil. Também há casos no quadro fixo de informantes que tiveram câncer, outros problemas cardíacos, e mesmo psicológicos, mas que decidiram permanecer no Japão para o tratamento.

Uma diferença que se nota entre a opção de se ir ou não fazer o tratamento no Brasil é a própria estrutura familiar que esse imigrante possui ou não no Japão. Assim, nota-se entre os imigrantes que estão com as suas famílias que a tendência de eles procurarem fazer o tratamento no Japão é maior. Outros fatores importantes são o domínio do idioma japonês, e o fato de terem-se acostumado com o sistema medicinal no Japão por estarem vivendo há mais tempo no país, quando o problema de saúde foi constatado. Entre os casos que regressaram para o Brasil, os motivos principais foram a dependência de terceiros, devido às dificuldades no idioma, e sobretudo o fato de se ter os pais ou outros familiares no Brasil.

Um outro aspecto que envolve também o serviço do *tantōsha* são as reuniões dos pais nas escolas japonesas. Se o trabalhador da empreiteira tem filhos e há uma reunião de pais na escola, ou algum outro tipo de problema, eles podem recorrer aos *tantōsha*, que prestam auxílio ao trabalhador(a). Em muitos casos, eles vão no lugar do trabalhador (*haken shain*) para que ele/ela não perca suas horas de serviço.

3.4 Questionando as experiências no trabalho

Os relatos dos nipo-brasileiros sobre as experiências nos locais de trabalho mostram um ambiente dinâmico, competitivo, onde a formação de grupinhos, sobretudo, entre as mulheres não é uma exceção. Apesar dos estudos nessa área, pouco se menciona sobre o tópico das experiências de competição de como esses imigrantes se relacionam ou não entre si nas fábricas. Uma das consequências é o isolamento ou a formação de grupinhos. Sob esse ângulo, tem-se assim uma situação paralela que influencia na experiência de trabalho desses

imigrantes nas fábricas, independentemente de terem ou não uma interação social com os japoneses e do choque cultural desses dois grupos.

3.4.1 A competição

Como trabalhadores, os desafios não são apenas em terem que aguentar um serviço pesado e de mão de obra não qualificada. Segundo a descrição dos informantes sobre o ambiente nas fábricas, destaca-se nos relatos um ambiente competitivo, envolvendo outros nipo-brasileiros, chineses, filipinos e os próprios japoneses.

Fabiana Yokohama explica que no seu caso não foi apenas a marginalização e incompreensão dos japoneses que a levaram a se sentir frustrada e alienada no Japão, senão o próprio ambiente competitivo e negativo de trabalho nas fábricas com os outros nipo-brasileiros e estrangeiros. Assim, ela descreve um ambiente de inveja, rixas e competição por *zangyō* (horas extras de trabalho) como sendo parte da sua vida cotidiana no Japão. Todo esse contexto, ano após ano, fez com que entrasse em depressão.

O caso de Fabiana Yokohama não é uma exceção, no que diz respeito ao ambiente de competição no trabalho. Esse mesmo contexto é citado por todos os outros informantes fixos e mesmo entre aqueles que participaram das entrevistas qualitativas avulsas. No entanto, apesar das diferenças de como todos esses informantes lidam com esse problema, observa-se que a característica comum entre eles se reflete no isolamento e na solidão desses imigrantes.

Para entender a dinâmica dentro das fábricas de acordo com a percepção dos nipo-brasileiros descreve-se as experiências de alguns de informantes. Assim, Ema explica o ambiente dentro das fábricas, em um dos seus trabalhos anteriores, destacando a divisão de serviço e os problemas nas linhas:

Ingrid: Na fábrica como é o ambiente de trabalho com os japoneses?

Ema: uhm... eles ensinavam de uma maneira e a gente mudava... porque a gente achava que era melhor.... Eu sempre tentava ficar na linha, mas algumas colegas falavam que a gente tinha que brigar pelo que a gente achava, porque a gente sabia que dava pra fazer mais rápido... Agora era assim...quando o *kaisha* (fábrica) estava mais *isogashii* (ocupado, atarefado) e era mais pesado, os japoneses passavam o serviço mais pesado pra gente. Daí vinha a pergunta por que o serviço pesado vem sempre pra gente? Às vezes eu não achava ruim, mas o pessoal começava a falar, daí eu pensava...será que eu estou fazendo certo... uhm... a gente fica na dúvida né...

Ingrid: Quem é “esse pessoal” de que você fala?

Ema: “Esse pessoal” são os *nikkei* que vieram na mesma época e estavam na fábrica há mais tempo que eu.

Ingrid: Você tinha contato assim com esse pessoal?

Ema: Não, a gente só se fala assim na fábrica... amigo, amigo, uhm... não... isso é complicado aqui no Japão...uhm...

Ingrid: Por quê?

Ema: ...uhm...

Ingrid: Você alguma vez teve algum problema com um japonês no trabalho?

Ema: uhm...nessa fábrica...só uma vez...foi uma japonesa que era meio encenqueira, que disse pra mim: “vai embora para o Brasil”... eles falam mesmo...

Ingrid: Por que ela disse isso para você? O que aconteceu?

Ema:..Eu acho que eu não fiz algo como ela queria no trabalho... e daí ela bateu assim nas minhas costas... e disse:... pode ir para uma outra linha... e aí ela falou: por que você não vai embora para o Brasil? Às vezes ela falava...que não queria brasileiro naquela linha...só japonês. E nessa época eu ainda não falava bem...só assim um pouquinho...eu aguentava porque eu gostava do serviço...

Ingrid: Era pesado o seu serviço?

Ema: Às vezes eu tinha que carregar caixas de 15 kg. Isso era às vezes o dia inteiro e daí a gente revezava...mas quando eu saía dessa fábrica parece que o cansaço ficava lá, porque eu ainda tinha que fazer o jantar... Eu era noiva nesta época.

Nesse caso, o contato de Ema com os outros nipo-brasileiros na fábrica é bom, embora essa situação não seja geral entre os informantes. Assim como nesse caso, constata-se que a divisão do trabalho na época em que se tem mais serviço se concentra nas mãos dos nipo-brasileiros. Essa situação também é similar em todos os outros casos, apesar de os entrevistados terem trabalhado ou trabalharem em fábricas e lugares diferentes. O que chama a atenção em entrevistas como a de Ema é o fato de mudarem a maneira de fazer o serviço e a falta de comunicação entre eles e os japoneses supervisores das seções. Na época Ema ainda não falava bem o idioma japonês, preferindo assim continuar o trabalho sem fazer perguntas sobre o que tinha feito de errado. Além do mais, sob o seu ponto de vista, ela tem a impressão de que se pode ser mais rápido e eficiente no trabalho se fizerem o serviço de uma maneira diferente. Esse tipo de iniciativa, porém, é algumas vezes interpretada de forma negativa no trabalho, como é o caso acima.

Um outro cenário é comentado por Kimi, quando explica determinadas situações, que ilustram a concorrência com os japoneses. Nesse caso são os nativos mais velhos, que também trabalhavam com ela na mesma fábrica, que passam a se sentir inseguros com relação ao serviço, por causa da presença de trabalhadores estrangeiros. Esse aspecto aparentar ser também um dos motivos que dificultam o contato entre os imigrantes e japoneses no ambiente de trabalho:

Sra. Kimi:

O tratamento depende da pessoa... As senhoras de idade não gostam da gente, porque tinham medo de perder o trabalho, devido ao fato de a gente trabalhar rápido e fazer mais do que elas...Nessa fábrica de alumínio o nosso chefe dava muito mais atenção para a gente. Eles pagavam também uma vez por ano um almoço para nós todos...os brasileiros para agradar a

gente, e se a gente trabalha bem, daí eles perguntam se a gente conhece outras pessoas que também sabem, assim trabalhar que nem a gente... que é pra indicar...

Ingrid: Os seus colegas eram brasileiros ou japoneses?

Oh... isso muda muito aqui, eh...mas a maior parte era... brasileira. Tinha gente que entendia o serviço e que falava que nem eu (japonês), mas tinha gente que não entendia muito e daí o chefe pedia pra mim para traduzir para os outros, porque eu falo... Só tinha uma brasileira que trabalhava comigo, o resto era tudo descendente. ...Às vezes tinha muita rixa entre o pessoal. O próprio japonês tinha rixa com a gente, porque tinha que se fazer vinte janelas por dia. E isso era trabalho de dupla...e a gente fazia mais de vinte janelas. Daí eles começaram...eu acho...a pedir mais brasileiros. Os nossos chefes brigavam com os japoneses, perguntavam se eles não tinham vergonha... Esse serviço era um exercício e tanto!... Eu estava sempre em movimento.

A concorrência entre os japoneses mais velhos e nipo-brasileiros tem como consequência a tensão, em alguns casos, os conflitos e o distanciamento entre eles no trabalho. Ema, Fabiana Yokohama, Kimi relatam experiências semelhantes da ocorrência de desentendimento no trabalho, provenientes do ambiente competitivo e da eficiência de como os imigrantes conseguiam fazer o mesmo tipo de serviço.

Existe assim uma competição menos visível por esse tipo de trabalho de mão de obra não qualificada também entre os japoneses com menos nível de instrução ou pessoas mais velhas, que também precisam desses tipos de serviço para ajudar a família, como nos custos dos estudos dos netos, ou mesmo para a própria subsistência. Se, por um lado, existe esse ambiente entre os japoneses e imigrantes, por outro lado também há o conflito entre os nipo-brasileiros entre si, ou com os outros imigrantes. Segundo Silvana Yamada, o resultado desse ambiente é a formação de grupinhos nas fábricas. Assim, é comum ouvir dos entrevistados o fato de competirem entre si, seja por horas extras, por remuneração, ou mesmo por bens materiais.

Sra. Silvana Yamada:

No início eu trabalhei em fábrica por um ano e meio... uma coisa que eu acho da época que eu trabalhei na fábrica é que dentro da fábrica ... entre os nipo-brasileiros ou brasileiros, o problema é que eles estão sempre competindo, querendo mandar uns nos outros. A concorrência entre os brasileiros é muito grande. Não é deles com os japoneses, mas deles com eles mesmos. Por causa de uma hora de *zangyō* eles brigam ou fazem intriga... Por exemplo eles ficando reparando as bicicletas pra conferir quem está ou não fazendo *zangyō*, ou com outras coisas...como quem compra um carro, o outro também quer...Tem muita “panelinha” aqui...esses grupinhos, que se formam aqui...e eles não se misturam uns com os outros, não! Se você não participar também falam mal de você, porque dizem que você quer ser melhor... mas, a gente vai ver quem é quem lá no Brasil, no sentido de estudo, trabalho e poder aquisitivo. Já aqui no Japão todo mundo consegue comprar a mesma coisa. Às vezes quem não tem a descendência japonesa, se adapta muito mais rápido. Com força de vontade, eles aprendem o japonês e se apaixonam pelo Japão. Tem muita gente querendo ficar aqui. Dessas pessoas eu fico admirada.

Yamamoto também expõe o mesmo cenário entre os homens. Aí existe além da competição também uma desconfiança contínua.

Eu já estou aqui há 10 anos, eu já passei por tanta coisa aqui...aqui um quer passar a perna no outro...olha...eu não confio em ninguém mais ... é tanta inveja, ... é por isso que amizade aqui é raridade...e o japonês é a mesma coisa, porque ele te diz uma coisa na tua frente e outra coisa nas tuas costas... a gente acaba se isolando por causa disso ou mesmo deixa de falar as coisas com medo porque o outro vai lá pra tentar pegar o teu lugar ou fazer na tua frente.

Esse comentário de Yamamoto explica o isolamento de alguns imigrantes, ao se referir à falta de confiança que eles têm nos outros nipo-brasileiros. Essa situação engendra a formação de dois cenários principais em torno desses imigrantes no âmbito do trabalho: a formação de grupinhos ou o isolamento da pessoa. O ambiente competitivo de trabalho característico nesta pesquisa é o motivo principal para o isolamento desses imigrantes, que se distanciam, propositalmente. Esse quadro se reflete também fora da fábrica, na falta de amigos e amizades de quase todos os entrevistados. Essa correlação é feita nas reflexões dos próprios imigrantes nipo-brasileiros.

3.4.2 O cenário em torno do contrato fixo

Apesar de os informantes serem uma minoria, nota-se uma mudança gradual com relação aos contratos de trabalho de alguns dos pais de famílias, que passaram a trabalhar diretamente para as firmas e fábricas, como trabalhadores permanentes.

Assim, observa-se em alguns casos, que quando há a ocorrência de um problema, esses imigrantes pedem a assistência de conhecidos que dominam melhor o idioma, ou mesmo dos filhos mais velhos. É interessante notar também que os informantes que conseguiram o trabalho permanente, nem sempre não falam bem o idioma japonês. No entanto, observa-se que a mudança para o contrato fixo está ligada também à probabilidade de se sentirem mais motivados em para aprender o idioma japonês melhor, sobretudo entre os que trabalham apenas com japoneses. Em alguns casos, o conhecimento do idioma japonês melhora apenas na fala cotidiana. Entre os que falam bem o idioma e pretendem permanecer no Japão, é visível o interesse maior em aprender mais da escrita japonesa. Essa atitude não significa que dentro das casas não se continue falando o idioma português entre si. A diferença é que se nota uma atitude (mais) positiva perante a vida no Japão e são eles que passam a mostrar um comportamento mais voltado para a cultura japonesa, não enfatizando em público as

diferenças culturais associadas à cultura brasileira, embora mantenham os costumes que tinham no Brasil na vida cotidiana.

Com o contrato fixo, esses imigrantes deixam de ser funcionários das empreiteiras (*hakenshain*). Compreende-se que o papel das empreiteiras é maior no início do processo migratório, ou entre os imigrantes que estão continuamente mudando de áreas ou de serviço por não conseguirem o trabalho permanente. Para esses imigrantes, as empreiteiras são o ponto de apoio dentro da migração de “retorno”.

De acordo com os resultados, compreende-se que a probabilidade de se obter um contrato fixo é maior para os homens, visto que, dentro da estrutura familiar, são os homens que trabalham por tempo integral e os que menos se ausentam com os problemas de saúde dos filhos, contexto que é diferente para as esposas. Com o nascimento dos filhos a maioria deixa de trabalhar por tempo integral, ou mesmo por um período de tempo. Quando as esposas voltam a trabalhar, buscam geralmente oportunidades com menos horas de serviço para que possam conciliar com a família. Essa situação explica o fato de serem os maridos os primeiros a conseguir os contratos fixos, nas fábricas ou firmas.

Esses resultados mostram que não existe uma correlação entre a falta de conhecimento do idioma japonês e a dependência dos imigrantes das empreiteiras. De acordo com os resultados nota-se que o idioma japonês não é o requisito principal para esses imigrantes obterem o contrato fixo, entretanto, é a exigência que as fábricas têm para a melhora de serviço e posição. Segundo os depoimentos dos informantes, entre eles os *tantōsha*, as competências principais são assiduidade, responsabilidade e flexibilidade. Para os informantes essas competências são interpretadas da seguinte forma: trabalhar de acordo com os horários, e quando necessário menos ou mais horas, aceitando também o fato de que possuem pouca possibilidade de tirar mais de 10 dias de férias consecutivos, sobretudo, entre os que trabalham com um grupo pequeno de funcionários numa seção.

3.4.3 As férias

De acordo com os relatos dos imigrantes nipo-brasileiros, os japoneses nas fábricas mostram interesse nos planos de férias ou de regresso para o Brasil. Essa situação é comum, mesmo entre os funcionários empregados através das empreiteiras. Segundo os informantes, isso ocorre, principalmente, quando são considerados bons trabalhadores.

Ema:

Quando você faz um serviço bem, e eles gostam da tua maneira de trabalhar...aí eles perguntam...se você também tem amigos que trabalham assim...que dizer sempre cumpre o horário direitinho, não falta e avisa as coisas... eles ficam assim preocupados né...se a gente vai de férias, porque o Brasil fica longe... e aí eles não sabem né se a pessoa vai voltar, ou quando vai voltar... então eles perguntam.

Compreende-se que os próprios imigrantes não possuem uma noção bem clara, se vão ou não de férias ao Brasil, ou quando irão. Na prática, poucos são os informantes que visitaram o Brasil com suas famílias, desde que migraram para o Japão, apesar de sonharem e idealizarem os planos de férias. As dificuldades nesse planejamento são devidas aos altos custos em torno da viagem, da distância, e o fato de não serem remunerados caso tirem férias.

Para os empregados com contrato fixo a dificuldade maior é o tempo. Esse problema pode ser atribuído ao fato de trabalharem em seções pequenas e não poderem ficar por muito tempo ausentes, dificultando nesses casos as férias consecutivas.

Ryoko:⁸⁹

Quando eu peço um *yasumi* (folga) o meu chefe fica até nervoso...ele pede né pra pensar, porque senão atrapalha... porque alguém tem que fazer o serviço, ...e porque é *isogashii* (ocupado) uhm..ele sempre pergunta assim indiretamente se eu não estou pensando em ir de férias para o Brasil,...que é pra gente assim pensar no trabalho que isso é muito importante também.

Um outro caso é ilustrado por Hugo:

Quando você tem trabalho permanente é difícil..porque se você sai... você dá trabalho extra para os outros... e a gente fica assim...tipo numa sensação ruim, porque ...na verdade ninguém onde eu estou tira assim férias... então, é ruim, porque ... aqui todo mundo fala assim... que a gente tem que pensar no *kaisha*... isso aqui é uma mentalidade muito forte no Japão... isso eles esperam da gente, que a gente entenda isso... é diferente, mas quando a gente consegue assim um trabalho bom, tranquilo, tem que tentar manter... eu gosto onde eu estou... é tranquilo porque eu sei o meu serviço assim... e eu me dou bem com os colegas japoneses, então a gente acaba aceitando que... férias... uhm... é assim... ah... é mais difícil né... folga é pra gente nos feriados.

Compreende-se nos dois fragmentos das entrevistas acima que a mentalidade japonesa é voltada ao trabalho. Ambos informantes explicam ambientes de trabalho diferentes, entretanto, a maneira como a comunicação ocorre em torno das férias é similar, principalmente quando explicam sob o ponto de vista dos colegas e chefes japoneses: "... que

⁸⁹ Ryoko é *nisei* casada com *sansei*, Koji. Eles têm um filho. Ryoko tinha na época da primeira entrevista entre 35 e 40 anos. Ela tem o ensino médio completo, assim como o marido. Ryoko fala fluentemente o idioma japonês, apesar de não dominar a escrita.

a gente tem que pensar no *kaisha* (fábrica), ... isso aqui é uma mentalidade muito forte no Japão...isso eles esperam da gente”. Esse sentimento de ter que mostrar lealdade perante o trabalho é comum nas entrevistas, de forma geral. Isso não quer dizer que não tenham o direito de tirar férias, mas é o fato de sentirem a pressão que existe na sociedade japonesa para se conseguir tirar férias. Segundo os informantes, as férias são resumidas na maior parte, aos feriados nacionais no Japão. De acordo com os informantes, raros são os casos dos japoneses, que chegam a tirar mais de 10 dias consecutivos de férias.

No caso dos trabalhadores que estão empregados através das empreiteiras, observa-se que se deixarem de trabalhar não são remunerados. Assim, tirar férias com os filhos para visitar a família, torna-se muito difícil e caro. Caso tomem tal decisão, a estada no Brasil é mais longa.

Um exemplo é o caso de Dalila:

Se agente for, tem que ir no mínimo por três semanas, porque senão não vale a pena, mas aí é difícil porque o *kaisha* vai lá e te corta e põe outro no teu lugar...daí eu tenho que procurar outro serviço, por isso, se eu for, eu prefiro ficar por mais tempo fora pra aproveitar as férias, ver minha mãe que está lá...foi por isso que quando eu fui com as crianças, eu fiquei logo por dois meses ...a gente ficou na casa da minha mãe no Brasil ...e quando eu voltei eu fui de novo falar com o *tantōsha*...pra arranjar um outro trabalho.

A probabilidade de se permanecer por mais tempo no Brasil de férias é maior entre esses imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros, que são trabalhadores pelas empreiteiras. No entanto, poucos são os casos de informantes que realmente visitaram familiares no Brasil no decorrer dos sete anos de pesquisa, apesar de ser um sonho comentado por todas as famílias, que lidam com a questão de ter a família separada em dois continentes. O sentimento de saudade que eles sentem, é frequentemente mencionado pelos que têm os irmãos/irmãs, pais, avós e outros familiares no Brasil. Em alguns casos, constata-se, que são geralmente os outros membros das famílias que vivem no Brasil, que visitam esses imigrantes, ou que decidem migrar para tentar o futuro perto da família, que se encontra no Japão.

De forma geral compreende-se que os japoneses possuem um ponto de vista diferente com relação às férias dos nipo-brasileiros. De acordo com os informantes japoneses, e mesmo *tantōsha*, que lidam diretamente com os empregadores japoneses, as viagens e a longa duração das férias mostram uma falta de comprometimento do imigrante com o trabalho.

De forma similar, lê-se nos resultados abordados na pesquisa de Moorehead (2010: 115-118) sobre o ensino que os professores japoneses também se queixam das férias e visitas dos

nipo-peruanos ao Peru, por interpretarem como uma falta de comprometimento com o futuro dos filhos no Japão.

Férias ou visitas aos familiares na América do Sul torna-se aqui um tema que na percepção dos japoneses revela a falta de comprometimento dos *nikkei* em querer conhecer o Japão e aprender a cultura dos ancestrais. Essa impressão leva-os a interpretar a migração de “retorno” apenas como uma motivação econômico-financeira, pois a orientação dos imigrantes continua sendo o país de emissão.

Ironicamente, outros dados mostram que embora os imigrantes também precisem mostrar um sentimento de “lealdade” perante o serviço e o empregador, eles são aparentemente os primeiros a serem cortados, quando a crise mundial financeira atinge o Japão em 2008.

3.5 A influência da crise econômica na migração de “retorno”

A perda de serviço no Japão em consequência da crise mundial pode ser considerada como um fator importante para o regresso inesperado de muitos imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros para o Brasil.

Segundo o *tantōsha* Kazuaki a crise econômica mundial teve grande influência na diminuição das ofertas de trabalho através das empreiteiras e consequentemente na partida inesperada para o Brasil de uma porcentagem dos imigrantes também nessa área.

Ao ilustrar a situação que emergiu com a crise, Kazuaki explica que somente na parte pela qual é responsável houve uma diminuição de mais ou menos 25% dos 220 empregados. No total,⁹⁰ entende-se que essa diminuição corresponde para a empreiteira uma queda brusca de quase 30% dos empregados, que ficaram desempregados em decorrência da crise econômica mundial. De acordo com os dados das áreas onde a concentração de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros é alta, como as áreas industrializadas de Gunma, Shizuoka, Aichi (Roth, 2002: 11), cerca de 40 % desses imigrantes perderam os empregos (Akashi e Kobayashi, 2010: 8).

Entende-se que várias medidas foram tomadas na empreiteira onde Kazuaki trabalha para que pudessem sobreviver a crise. Dessa forma, houve uma redução inevitável nas horas de trabalho e no bônus dos salários de todos os empregados. Apesar dessas medidas terem sido

⁹⁰ A porcentagem de 30% corresponde ao total que se tem ao incluir os dados dos cinco *tantōsha* que trabalham pela mesma empreiteira.

suficiente para a sua empreiteira, compreende-se que no país a crise levou à falência de muitas outras.

Ao comentar sobre essa fase no Japão, Kazuaki explica:

Tem os caras que contam pra gente que vão voltar... mas mais da metade desaparece sem falar nada... daí a gente escuta assim pelos conhecidos que eles arrumaram as coisas e se mandaram para o Brasil...isso a gente escutou bastante desde que o governo ofereceu a ajuda de custo, dando a passagem só de ida... porque a volta não tem mais não.....e mesmo assim tem muitos que aceitaram, porque não tinham trabalho e quando aparecia algo, era pagando bem menos, mas tava difícil, pra quem perdeu o trabalho... foi difícil de arranjar outro nessa época...daí o pessoal decidiu ir embora mesmo, com ou sem ajuda do governo.

Numa outra entrevista Nori confirma esse quadro, ao descrever:

olha o que você vai ver aqui é complicado...porque ..até o pessoal que pretendia e tinha condições de ficar no Japão com a família, mas que perdeu o trabalho, acabou voltando... porque deu uma baixa de serviço muito grande...tava ruim mesmo....então eu vejo que tem família que acabou aceitando o plano do governo japonês...porque senão ia gastar tudo o que guardou...daí voltaram para o Brasil... também tem os casos do pessoal que...os pais voltaram, mas os filhos ficaram no Japão...nesse caso, eles que já estavam de maiores ...agora... você vê, que era o pessoal que perdeu o serviço, e não conseguiu mais trabalho...e como o governo passou a oferecer o plano de ajuda, com a passagem e uma quantia de dinheiro por pessoa... muita gente voltou, provavelmente muitos que também queriam voltar ... se os filhos foram juntos ou não foram, eu não sei te dizer, porque tem muita gente que vai embora e não fala nada...agora... mas também tem o pessoal que conseguiu manter o serviço, independente da crise...no meu caso eu mantive o trabalho, mas o salário reduziu muito, porque cortou o bônus, e daí pega, ..por isso eu tive que renegociar a hipoteca por um tempo ...e eu fui fazer “um pé de meia” no final de semana, trabalhando aqui nas plantações, que tem muito nessa área.

Essas entrevistas expõem o quadro do regresso inesperado de imigrantes nipo-brasileiros entre o ano de 2008 e 2009 em consequência da crise econômico-financeira. De fato, é a partir de 2008 que se torna visível o declínio da migração de “retorno” no Japão. Conforme os dados do Ministério da Justiça do Japão e *The Japan statistical Yearbook 2012*, a imigração de “retorno” dos nipo-brasileiros atinge o seu ápice em 2007, para logo após passar a decrescer consecutivamente. Martin (2009: 14) mostra que esse quadro não é apenas no Japão, uma vez que tanto na Espanha, Estados Unidos, Malásia, entre outros países, se constata um cenário similar:

The first effects of recession are being felt in cyclically sensitive industries such as construction and manufacturing, where last-hired and often male migrants may be among the first to be laid off. What is less certain is whether laid-off migrants will remain in destination countries or return to their countries of origin.

No caso do mercado japonês, os nipo-brasileiros, nipo-peruanos e outros imigrantes são os primeiros a serem dispensados em períodos econômicos de estagnação ou declínio. Apesar de se constatar a vulnerabilidade da mão de obra desses *nikkei* no decorrer dos anos no Japão, compreende-se que é em consequência da crise econômica de 2008 que essa migração de “retorno” passa a diminuir, por serem os primeiros a perderem o trabalho, mostrando assim o aspecto vulnerável do status econômico e social desses imigrantes (Fackler, 2009; Masters, 2009; Tabuchi, 2009). De acordo com Fackler (2009):

According to the Labor Ministry, about 131,000 layoffs have been announced since October. Of those, only about 6,000 were culled from the majority of Japanese workers who hold traditional full-time jobs, which are still often held for life. The overwhelming majority — some 125,000, the ministry says — are so-called nonregular workers, who are sent by staffing agencies or hired on short-term contracts with lower pay, fewer benefits and none of the legal protections against layoffs of regular full-time employees.

O governo japonês responde ao impacto da crise mundial no Japão com um plano econômico de “ajuda” de custos para todos os imigrantes que optassem por retornar para os seus países de emissão, após terem perdido os seus empregos. A condição dessa assistência financeira implicaria no retorno para o país de procedência, junto com os membros da sua família. A quantia em dinheiro ofertada é de ¥300,000 (equivalente a 3,000 dólares em 2009) para o desempregado homem, e de ¥200,000 (2,000 dólares) para cada membro da família que aceitasse deixar o país. Nesse plano econômico, o último ponto do acordo era que se receberia apenas a passagem de ida, destituindo as pessoas do direito de retornar para o Japão para trabalhar, a não ser que o contrário fosse anunciado pelo governo japonês (Masters, 2009). Na Europa, especificamente na Espanha, constata-se um acordo semelhante oferecido aos desempregados imigrantes que aceitassem retornar para os seus países de emissão (Martin, 2009: 6).

Um outro cenário onde se constata o impacto da crise econômica e do regresso dos nipo-brasileiros ao Brasil é a evasão das escolas brasileiras que passam a fechar no país. No artigo “Brazilian schools losing students” do jornal *Japan Times* aborda o impacto dos efeitos da crise econômica mundial nas escolas brasileiras no Japão com o desaparecimento repentino dos filhos dos imigrantes nipo-brasileiros.

De acordo com a próxima tabela abaixo tem-se uma orientação do número de pedidos de imigrantes no primeiro semestre, que aceitaram o auxílio financeiro do governo japonês e o respectivo número de imigrantes no país até o ano de 2007.

Tabela 7: número de pedidos de imigrantes que aceitaram auxílio financeiro.

Participação no programa voluntário de retorno de acordo com os países de origem dos aplicantes, 2009				
Período	1º abril de 2009 até 1º de outubro 2009			
Total de aplicações recebidas	13,188 (inclusive 8,927 aplicantes principais [67,7%] e 4,261 membros familiares [32,3%])			
Total de aplicações aceitas	11,329			
Principais países de origem	Aplicações	Aceitas	Porcentagem do total (100% = 11,329)	Número de imigrantes no Japão (no ano de 2007)
Brasil	12,356	Não disponível	93.70%	316,967
Peru	451	Não disponível	3.40%	59,696
Bolívia, Argentina, Chile, e outros	381	Não disponível	2.90%	Não disponível
<i>Nota:</i> O governo aprovou todos os aplicantes, excluindo apenas os que não foram elegíveis. <i>Fonte:</i> Autoridades Japonesas, citada com permissão				

Fonte: <http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?ID=749>

Acrescenta-se que esse programa voluntário de auxílio financeiro encerrou no dia 31 de março de 2010. O total de aplicações durante este prazo de um ano foi de exatamente 20,053 (92,5%) para o Brasil, 903 (4,2%) para o Peru, e de 719 (3,3%) para outros países, os quais não foram especificados.⁹¹

De acordo com os dados obtidos nos artigos de jornais (Fackler, 2009; Masters, 2009; Tabuchi, 2009) e nos relatos dos informantes, pode-se afirmar que a diminuição dos imigrantes em consequência da recessão internacional engendrada pela crise econômica de 2008 dá-se principalmente pela diminuição brusca das ofertas de trabalho no setor industrial, onde os trabalhadores flexíveis são sobretudo os imigrantes que são terceirizados, sem mencionar que com a falência de muitas empreiteiras, esses imigrantes não só perdem o emprego, mas também a moradia e o auxílio concedidos a essas pessoas, deixando-os literalmente nas ruas (Akashi e Kobayashi, 2010: 8-9). Em consequência da crise torna-se

⁹¹ O programa foi iniciado dia 1 de Abril de 2009 e encerrou no dia 31 de março de 2010. Os dados são provenientes do *Japan's Ministry of Health, Labour and Welfare*. http://www.mhlw.go.jp/bunya/koyou/gaikokujin15/kikoku_shien.html

evidente a falta de uma política governamental que vise aos direitos desses trabalhadores imigrantes, que são legalmente diferenciados dos japoneses (Tanno, 2010: 109).

Apesar de a situação instável engendrada pela crise econômica mundial ter-se repercutido de maneira forte no Japão, atingindo sobretudo os imigrantes (Masters, 2009; MacCabe, Yi-Ying Lin e Tanaka, 2009), lê-se nos dados da tabela abaixo que são principalmente os imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros que passam a migrar novamente, mostrando que essa diminuição foi mínima entre os outros grupos de imigrantes no Japão. No entanto, constata-se que apesar de a diminuição ter ocorrido, uma nova onda de imigrantes descendentes de japoneses continuam sendo recrutados no Brasil, em São Paulo, para trabalhar no Japão, principalmente na área da alimentação, onde os salários são consideravelmente mais baixos (Tanno, 2010: 125).

De acordo com os dados abaixo, tem-se assim evidências que é a partir de 2008 que o número de imigrantes nipo-brasileiros e brasileiros diminui bruscamente no Japão. Entretanto, existe uma diferença entre o número de imigrantes, que usufruíram do auxílio do governo japonês e do total que migrou do Japão. Assim, lê-se na tabela acima que até outubro de 2009 apenas 12,356 imigrantes solicitaram o auxílio do governo japonês, enquanto o número de imigrantes registrados corresponde a quase 50,000 do seu total nesse período de tempo.

Tabela 8: O número de imigrantes registrados no Japão.

Nacionalidade	2007	2008	2009	2010
Total	2.152.973	2.217.426	2.186.121	2.134.151
China	606.889	655.377	680.518	687.156
percentagem	28,19%	29,56%	31,13%	32,20%
Coreia	593.489	589.239	578.495	565.989
percentagem	27,57%	26,57%	26,46%	26,52%
Brasil	316.967	312.582	267.456	230.552
percentagem	14,72%	14,10%	12,23%	10,80%
Filipinas	202.592	210.617	211.716	210.181
percentagem	9,41%	9,50%	9,68%	9,85%
Peru	59.696	59.723	57.464	54.636
percentagem	2,77%	2,69%	2,63%	2,56%
Estados Unidos	51.851	52.683	52.149	50.667
percentagem	2,41%	2,38%	2,39%	2,37%
outros	321.489	337.205	338.323	334.970
percentagem	14,93%	15,21%	15,48%	15,70%

Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2012 [国籍（出身地）別外国人登録者数の推移] (*Kokuseki (shusshinchi) betsu gaikokujin tōrokushyasu no sui*).

A diferença nesses dados pode ser explicada através da migração voluntária, uma vez que aceitar o “auxílio” do governo japonês significa também não poder regressar mais para o Japão para trabalhar, até o contrário ter sido determinado.

Apesar da crise econômico-financeira ter atingido principalmente os imigrantes na economia japonesa, o quadro fixo da pesquisa não se alterou, com exceção da família Yokohama, que regressa em meados de 2008, voluntariamente, sem o auxílio do governo japonês. Nos outros casos, nota-se que a maior parte das famílias nos estudos de casos conseguiram no decorrer dos sete anos obter o contrato fixo, mesmo que, a maior parte deles continue realizando serviços de mão de obra não qualificada.

O fato de essas famílias terem conseguido mais estabilidade, influencia também na atitude de algumas em procurar se estabelecer definitivamente no Japão. Outras, apesar da mudança do contrato temporário para o fixo ser importante na percepção desses nipo-brasileiros, optam por prolongar a estada no Japão, dado que os filhos estão no ensino japonês ou porque decidiram permanecer no país até o momento de terem recursos suficientes para o regresso.

3.6 Reflexões finais

De acordo com os dados neste capítulo, a motivação por trás do “retorno” reflete uma estratégia migratória temporária e sobretudo consciente. A privação econômica, a falta de perspectivas de trabalho e de melhoras na política e economia no Brasil levaram a maior parte desses migrantes a buscar a solução dos problemas na migração “retorno”.

Ressalta-se que diferentes aspectos mostram que esses migrantes partem para o Japão, conscientes do tipo de trabalho e da vida que teriam como *dekasegi*. Isso porque os migrantes tinham uma ideia da relação custos/ benefícios dos salários no Japão e dos tipos de serviços ofertados aos imigrantes. A própria coleta de histórias das experiências dos outros migrantes ou familiares, que partiram antes levou-os a interpretar a migração como uma possibilidade de se conseguir um futuro melhor no Brasil. Dentro desse contexto sobressai-se o papel dos recrutadores no Brasil facilitando esse movimento, mesmo para os descendentes de japoneses e cônjuges brasileiros sem o mínimo de conhecimento da língua e da cultura japonesa. Por último, não se pode deixar de mencionar o papel importante das redes de contato no Japão, facilitando e interagindo na motivação dos novos migrantes.

De qualquer forma, uma vez no Japão, esses imigrantes nipo-brasileiros passam a exercer de forma similar serviços de mão de obra não qualificada, independentemente da formação escolar que tiveram no Brasil ou da bagagem cultural que possuem. Assim, todos abordam o choque cultural inicial e o fato de a identidade japonesa que eles tinham no Brasil não ser interpretada pelos japoneses da mesma forma no Japão. Os resultados mostram que os imigrantes mencionam terem se conscientizado dos elementos da cultura brasileira, após o encontro étnico. No entanto, diferente dos resultados abordados nas outras pesquisas, esses elementos não são enfatizados, apesar de compartilharem na migração de “retorno” da mesma origem e destino. Assim, não se pode e deve generalizar uma corrente migratória como um fenômeno homogêneo. Imigrantes constroem e lidam com a sua identidade de maneiras diferentes, como se torna claro no decorrer do tempo neste trabalho. Tempo é um critério importante dentro de qualquer processo migratório, dado que a migração é por si própria algo dinâmico, repleto de mudanças. É através da abordagem desse contexto dinâmico no decorrer dos anos que se nota como os imigrantes, apesar de terem costumes e normas em comum, se desenvolvem e reagem, de formas diferentes perante a sociedade dominante. Nesse sentido, mesmo numa minoria étnica existem diferenças culturais entre os indivíduos que fazem parte de um grupo.

Compreende-se nas análises que após o choque cultural emergem dois cenários dicotômicos em torno da identidade nipo-brasileira. De um lado, um grupo que sente uma determinada afinidade e apreciação em relação a elementos da identidade japonesa. Tal resultado também se reflete entre os japoneses, na medida em que uma porcentagem da sociedade japonesa mostra um determinado sentimento de afinidade com esses imigrantes. Por outro lado, constata-se nesta e em outras pesquisas sobre esse tema a depreciação da identidade japonesa por alguns imigrantes. De forma similar, há também por uma parte dos japoneses, reações de distanciamento com relação aos imigrantes.